LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO

educação, variação e preconceito linguístico, cultura literárias e outras manifestações

Charlliene Lima da Silva
José Flávio da Paz
Lidiane Silva dos Santos
Rute Barboza da Silva

NOSSO CONSELHO EDITORIAL e CIENTÍFICO:

Carlos André Lucena da Cruz (Estácio-RN/Brasil);
Deise Leite Bittencourt Friedrich (IFRS/Brasil);
Ederson Luís Silveira (UFSC/SE-Brasil);
José Flávio da Paz (UNIR/Brasil);
Paula Raphaelle Soares Pompeu (Estácio-RN/Brasil);
Rafael Ademir Oliveira de Andrade (UNISL/Brasil);
Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT/Brasil)

Língua, literatura e ensino

educação, variação e preconceito linguístico, cultura literárias e outras manifestações da linguagem popular e dos povos tradicionais

Charlliene Lima Da Silva
José Flávio da Paz
Lidiane Silva Dos Santos
Rute Barboza Da Silva
(Organizadores)

Clube de Autores Publicações S/A
Joinville - Santa Caratina - Brasil
2023

Copyright © 2023 – Todos os direitos reservados aos organizadores.

Todos os direitos reservados – a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste livro só é autorizada pelos organizadores. A violação dos direitos do autor, conforme Lei nº 9.610/98 é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Coordenação Editorial: José Flávio da Paz.
Editoração: Casa Literária Enoque Cardozo.

Ficha catalográfica

Língua, literatura e ensino: educação, variação e preconceito linguístico, cultura literárias e outras manifestações da linguagem popular e dos povos tradicionais – 3º tomo / Orgs.: Charlliene Lima da Silva; José Flávio da Paz; Lidiane Silva dos Santos & Rute Barboza da Silva. – Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2023.

132 p.

ISBN 978-65-87128-14-6

1. Educação. 2. Diversidade. 3. Diferença. 4. Pluralidade cultural. I. Silva, Charlliene Lima da. II. Paz, José Flávio da. III. Santos, Lidiane Silva dos. IV Silva, Rute Barboza da.

Clube de Autores Publicações S/A - CNPJ: 16.779.786/0001-27
Av. Juscelino Kubitscheck, 350 – 2º andar – Centro - Joinville - SC, 89201-100
https://clubedeautores.com.br/
atendimento@clubedeautores.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7
Charlliene Lima da Silva
José Flávio da Paz
Lidiane Silva dos Santos
Rute Barboza da Silva

MULTIMODALIDADE E PROPAGANDA: PRODUÇÃO DE SLOGAN NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 15
Antônia Zelina Negrão
Charlene Fernandes Oliveira
Sheyla Pantoja de Carvalho

CONSTITUINTES CULTURAIS, TRADICIONAIS E NARRATIVOS NA/DA LENDA DO AÇAÍ 37
Antônio Ramiro de Mattos
Valdir Vegini

A HISTÓRIA DO JOGO INFANTIL: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS E SUAS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE 81
Leila Cristina Gonçalves

ISBN 978-65-87128-14-6

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NOS CONTOS AFRICANOS E BRASILEIROS: TEMPORALIDADE E ESPAÇO NAS OBRAS DE ROGÉRIO NGUNZA, MIA COUTO E MARCELO FERRONI 103
José Flávio da Paz

O SERTÃO-CERRADO E AS NUANCES POÉTICAS, DE ROMULO NÉTTO E ISAAC RAMOS 121
Simoni Rodrigues dos Santos

ISBN 978-65-87128-14-6

PREFÁCIO

Olá!!

Saudações Caros e Caras!!

É com enorme satisfação que apresentamos mais um número da obra **Língua, Literatura e Ensino** que nesta edição se dedica as temáticas acerca da "*educação, variação e preconceito linguístico, culturas literárias e outras manifestações da linguagem popular e dos povos tradicionais*".

Para tanto, selecionou cinco capítulos que trazem as seguintes temáticas:

No primeiro, as pesquisadoras Antônia Zelina Negrão, Charlene Fernandes Oliveira e Sheyla Pantoja de Carvalho, do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu de Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (PPGELL). pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), brindam-nos com o título **MULTIMODALIDADE E PROPAGANDA: PRODUÇÃO DE SLOGAN NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**, resultante das investigações naquele PPGELL, cujo objetivo foi apresentar as práticas de produções textuais com foco na multimodalidade por meio de uma proposta didático-pedagógica com a utilização do gênero propaganda, sustentada nas premissas dos estudos realizados por teóricos como Cope; Kalantzis (2013) Marcuschi (2008); Rojo (2013), dentre outros.

ISBN 978-65-87128-14-6

O trabalho, de caráter bibliográfico e laboratorial, demonstra um estudo multimodal e suas contribuições aos multietramentos. Também são significativas as contribuições pedagógicas advindas de pesquisas acadêmicas que, influenciadas por diferentes modos de comunicar e interagir na sociedade contemporânea, dedicam-se à abordagem de gêneros multimodais e multimidiáticos.

Outrossim, a pesquisa possibilitou também, a compreensão de como os multiletramentos podem contribuir para a formação de leitores e escritores mais críticos e expressivos, já que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental- sujeitos desta pesquisa-, conseguiram produzir propagandas com foco na multimodalidade.

No segundo capítulo, os estudiosos Antônio Ramiro de Mattos e Valdir Vegini, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR nos propiciam uma análise acerca dos **CONSTITUINTES CULTURAIS, TRADICIONAIS E NARRATIVOS NA/DA LENDA DO AÇAÍ**, ressaltando que, nos estudos narratológicos, as narrativas escritas da tradição oral apontam para inesgotáveis fontes de pesquisas científicas. Logo, o objetivo desse capítullo é explorar e relacionar as especificidades contidas na narrativa indígena da tradição oral paraense "Lenda do açaí" e dela extrair os traços culturais, tradicionais e narrativos concernentes à tradição do próprio consumo do fruto tão presente não só no estado do Pará, mas em toda região amazônica, com o contexto socioeconômico de regiões ribeirinhas.

ISBN 978-65-87128-14-6

Os investigadores realizaram levantamento bibliográfico, pesquisa documental, hermenêutica, narrativa e etnolinguística, tendo como finalidade extrair do relato do povo originário Tupi fragmentos culturais, tradicionais oral/escrito, bem como as estratégias utilizadas pelo narrador para construir a realidade.

No *corpus* de análise são identificados elementos da cultura indígena da época; características do reflexo da representação coletiva, que apontam para o contexto social da tradição como explicação das mudanças históricas e um arcabouço narrativo com sentenças estruturadas no nível dos textos orais. O enredo da narrativa em epígrafe possibilita outros estudos em si mesmo ou em comparação com outras variantes.

No terceiro capítulo, cujo título é **A HISTÓRIA DO JOGO INFANTIL: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS E SUAS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE**, de autoria da pesquisadora e pesquisadora Leila Cristina Gonçalves é analisado o significado da importância do jogo no desenvolvimento cognitivo infantil.

Segundo a investigadora, o tema foi escolhido devido à falta de informação e conhecimento de assunto, por parte dos pais e mestres, pois uma grande parte das nossas escolas ignora o valor do jogo como recurso didático em sua prática pedagógica na sala de aula, muitas vezes por falta de conhecimento e interesse.

ISBN 978-65-87128-14-6

A analista afirma que, o jogo é essencial na vida da criança, pois a infância serve para divertir, brincar e imitar. Não pode imaginar a infância sem risos e brincadeiras, porque é meio do jogo e brinquedos, que a criança cresce e desenvolve a alma e a inteligência. Jogar é uma atividade natural do ser humano. O ser humano apresenta uma tendência lúdica.

Destaca ainda que, o jogo acontece e influência o desenvolvimento intelectual, emocional e o corpo da criança, favorecendo ainda a socialização dela com o professor e como colegas de forma globalizada, para que no futuro sejam pessoas felizes e equilibradas emocionalmente.

Desse modo e de acordo com o que foi estudado a cerca da importância dos jogos na vida da criança ficou claro a sua função educacional, social e cultural, pois é jogando que a criança se socializa se educa passando essa pratica de geração a geração. Logo, por meio deste capítulo, concluiu que cada criança tem sua própria capacidade para brincar e jogar, fazendo fluir um pensamento criativo que está na sua individualidade e que repercute em todos os momentos da vida.

O quarto capítulo, de autoria do pesquisador e organizador desta Obra, traz como título: A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NOS CONTOS AFRICANOS E BRASILEIROS: TEMPORALIDADE E ESPAÇO NAS OBRAS DE ROGÉRIO NGUNZA, MIA COUTO E MARCELO FERRONI.

A iniciativa perpassa por uma reflexão acerca das fases do desenvolvimento humano e seus

ISBN 978-65-87128-14-6

processos de maturação, os quais foram motivos de análises das mais diversas áreas do conhecimento humano passando pelas questões da biologia, da história, das práticas assistencialistas e dos serviços sociais, e ainda das proteções legais.

Nesse sentido, o autor apresenta algumas narrativas dos esritores Rosário Ngunza, Mia Couto e Marcelo Ferroni, angolano, moçambicano e brasileiro, respectivamente, através dos seus contos "*O jacaré velho*", "*O odiado avô*" e "*Repovoamento*". Considerando as origens dos escritores e compreendendo ainda que o "*o homem é fruto das suas leituras e experiências de vida*", analisamos suas produções sob o olhar crítico dos pensadores que direcionam as teorias da recepção, da psicanálise e da teoria literária na contemporaneidade, com especial atenção aos ditos de Berenson (1972), Cajaiba (2013), Flory (2005, 2006 e 2012), Makai & Flory (2011), Willemart (2014), além dos precursores Benjamin, Adorno, Recoeur, Genette, Barthes e Baktin.

O objetivo é refletir sobre o papel da Literatura na denúncia em prol a valorização do idoso, enquanto sujeito memorial que vive um momento de transição entre o passado, o presente e o futuro que se se constrói a cada nova empreitada social; reconhecer a importância e contribuição dos idosos nas lutas em favor da memória oral e, que sem esta fase na vida de todos nós é simplesmente viver pela metade ou menos que isto; provocar uma discussão que confirme ou negue suas formas de transmissões culturais na contemporaneidade, momento de processos globais

ISBN 978-65-87128-14-6

econômicos e tecnológico que distancia, mas também aproxima gerações.

Seria um verdadeiro aprender fazendo, independentemente das idades dos envolvidos. A Literatura pode promover isto e, assim a tem feito.

Por fim, o quinto capítulo, sob a temática d'O SERTÃO-CERRADO E AS NUANCES POÉTICAS, DE ROMULO NÉTTO E ISAAC RAMOS, a doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação Stricto-sensu (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Tangará da Serra – MT apresentar uma analogia entre as poéticas dos autores Romulo Nétto e Isaac Ramos.

Para tanto, realiza uma análise dos poemas de número "23" do livro *Transitoriedades*, *Palavra* (2010), de Romulo Nétto e o poema "Nuances" do Livro *Teias e Teares* (2014), de Isaac Ramos. Ambos os autores escrevem e se inscrevem em Mato Grosso e, por meio de suas poesias, conclamam o reconhecimento dos trânsitos que permeiam suas literaturas.

Igualmente, por meio da análise, reconhecer a artesania do verbo e a metáfora como elementos propulsores do múltiplo enviesados nos versos que desenlaçam numa metalinguagem do fazer poético.

Para o desenvolvimentos da análise a autora se apropriou dos estudos de Carvalhal (2006), Abdala (2007), Ramos (2011) e Santos *et al* (2020).

Posto isso, reconheceu-se nas teias da poesia de Isaac Ramos e nas palavras-sertão de Romulo Nétto,

ISBN 978-65-87128-14-6

uma amálgama que apresenta ser e lugar, contextualizados em suas poéticas.

Diante do que apresentamos, não restam dúvidas de que essa Edição seja de grade valia para os estudos da formação crítica cidadã e da formação leitora de educadores, pais e comunidade escolar em geral.Boa leitura!! Bons estudos!!

Profa. Esp. Charlliene Lima da Silva
PPGEUNIR/SEMED-PVH

Prof. Dr. José Flávio da Paz
PPGE-UNIR/DALV-UNIR

Profa. Esp. Lidiane Silva dos Santos
PPGEUNIR/SEMED-PVH

Profa. Esp. Rute Barboza da Silva
PPGEUNIR/SEMED-PVH

Organizadores

ISBN 978-65-87128-14-6

Capítulo 1

MULTIMODALIDADE E PROPAGANDA: PRODUÇÃO DE SLOGAN NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Antônia Zelina Negrão [1]
Charlene Fernandes Oliveira [2]
Sheyla Pantoja de Carvalho [3]

Introdução

O presente trabalho evidencia a utilização de textos multimodais nas práticas de leitura e produção textual. É uma proposta pedagógica que parte da investigação das dificuldades que os alunos têm ao escreverem textos isolados de seus contextos nas aulas de Redação e Língua Portuguesa.

Os documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) reforçam a

[1] Artigo apresentado à disciplina Letramento e Ensino Aprendizagem de Língua. Ministrada pela Prof.ª.Dra. Antônia Zelina Negrão do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* de Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (PPGELL) - pela Universidade do Estado do Pará -UEPA.E-mail : zelinanegrao@yahoo.com.br.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* de Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (PPGELL)- pela Universidade do Estado do Pará -UEPA. E-mail: oliveira.charlene@yahoo.com.br.

[3] Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* de Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (PPGELL). pela Universidade do Estado do Pará- UEPA . E-mail: sheyla_rpletras@yahoo.com.br.

ISBN 978-65-87128-14-6

importância da utilização dos gêneros textuais em sala de aula, pois, eles contribuem decisivamente para o letramento dos educandos.

A BNCC, na parte específica da área de Linguagens nos Anos Finais do Ensino Fundamental, compreende as disciplinas de: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa e apresenta as competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, dentre elas, a competência 6, que pressupõe:

> Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais *incluindo as escolares*, para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2017, p. 65 grifos da autora).

A utilização das tecnologias reafirma que o trabalho com os gêneros impõe que se leve em consideração o fato de que os gêneros textuais, em sua grande maioria, estão hoje, permeados por sons e imagens (estáticas e em movimento), o que nos permite analisá-los com foco em diversas linguagens. Entra em jogo, dessa forma, a compreensão dos gêneros multimodais, visto que, é necessária a análise

ISBN 978-65-87128-14-6

das várias semioses envolvidas, para um real e completo entendimento do texto.

Lévy (2005) reforça tanto a importância quanto a utilização das ferramentas tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem e diz:

> Não se trata aqui de utilizar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (LEVY, 2005, p.172).

Nesse viés, o objetivo desta pesquisa é apresentar as práticas de produções textuais em foco, o letramento digital, incentivando a multimodalidade nas aulas de Língua Portuguesa, por meio de uma proposta didático-pedagógica com o uso dos gêneros Propaganda e Meme.

A finalidade da multimodalidade e da análise dos gêneros é interagir com a pedagogia dos multiletramentos críticos (COPE; KALANTZIS, 2013), para que os leitores possam ter a habilidade de decodificar as diversas semioses presentes em um texto, tornando-se assim leitores, acima de tudo, críticos. A dificuldade em leitura e produção textual entre os alunos de todos os níveis é gigantesca, o qual vem

ISBN 978-65-87128-14-6

sendo bastante observada durante o ensino. E, em consonância com esse problema, por consequência, os estudantes não leem muito e escrevem menos ainda, o que gera um desconforto, muito grande neles, nas aulas de redação e língua portuguesa.

Sendo assim, o homem ao verbalizar, toma-se como referência textos, e é dessa pesquisa, o enaltecer, da comunicação, levando em conta os gêneros textuais. Segundo Marcuschi (2008, p.150), é impossível se comunicar sem fazer uso de algum gênero textual. "Os gêneros são formas textuais orais ou escritas e estão a serviço da comunicação humana". Partindo dessas constatações, acreditamos que a Propaganda pode funcionar como um recurso didático-pedagógico que contribui para a competência leitora dos estudantes.

Ressaltamos como referência os aportes teóricos dos multiletramentos e de gêneros textuais: Cope; Kalantzis (2013); Leal (2005); Lévy (2005); Marcuschi (2008); Rojo (2013); Zorzi (2003); dentre outros.

O desenvolvimento deste artigo foi estruturado em quatro seções: primeiramente, a introdução em que se apresenta a pesquisa e o objetivo. A segunda se complementa com as discussões sobre os multiletramentos nas aulas de língua portuguesa. A terceira sessão tem-se a abordagem dos textos multimodais e multissemióticos. A quarta sessão verifica-se a importância do gênero Propaganda nas aulas de língua portuguesa. A quinta sessão percebe-se a importância do gênero Meme e sua capacidade de

ISBN 978-65-87128-14-6

fácil entendimento. A sexta sessão tem-se o traçado metodológico da pesquisa.

OS (MULTI) LETRAMENTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O termo letramento de acordo com Magda Soares (2002, p.143) "é o **desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais**". Sob esse viés, é importante compreender que as práticas sociais na leitura e escrita devem acontecer constantemente na escola, por meio do estudo de gêneros textuais que se aproximam da realidade dos alunos. Para o Grupo de Nova Orleans, o conceito de multiletramentos aponta para o prefixo "multi" para dois tipos de "múltiplos". Um deles, refere-se à multiplicidade de linguagens, como as mídias, textos multimodais e semioses. Já no outro, temos a pluralidade e a diversidade cultural, estas, conduzidas pelos leitores contemporâneos, ROJO (2013 p. 15), esses leitores contemporâneos estão presentes demasiadamente na escola. E, é a partir das experiências sociais deles que surgiu a necessidade de usar a língua escrita de maneiras diversas. A respeito ainda do letramento, KLEIMAN (2005) afirma que o letramento é um conceito criado para ser utilizado para além da escola, ou seja, em todo lugar. Quando uma pessoa utiliza o cartão do banco para pagar contas, o aplicativo do celular para receber dinheiro, quando se lê uma informação no cartaz na parada de

ISBN 978-65-87128-14-6

ônibus e outras questões relacionadas à escrita em ambientes não escolares, está ocorrendo o letramento.

No contexto escolar hodierno, é quase que constante a presença de alunos conectados no mundo tecnológico, por isso, é necessário que a escola movimente o letramento para os multiletramentos, ela deve ter algumas funções a desenvolver como: os letramentos múltiplos multiculturais, a cultura participativa/colaborativa.

TEXTOS MULTIMODAIS E MULTISSEMIÓTICOS

A produção de textos, na escola, é uma questão de grande preocupação social. Há muito tempo, as aulas de escrita textual têm se mantido no papel impresso, na leitura de um texto-base e no desenvolvimento do tema. Os alunos, muitas vezes, não conseguem desenvolver um período completo, o que dirá, um parágrafo. É muito curioso se falar em letramento, alfabetização, sua importância e ainda assim, os estudantes ingressarem no fundamental II escrevendo de forma descontextualizada.

Hoje, o aumento de informações, as diversas múltiplas linguagens levam para uma transformação dos textos escritos em textos diferentes. Estudiosos têm se dedicado a pesquisas que abordam essa temática, Rojo (2012) defende que a linguagem e o texto, escrito hoje, estabelecem outro formato em sua apresentação: oral ou escrito, digital ou impresso com cores, imagens e outras semioses.

ISBN 978-65-87128-14-6

A literatura afirma que o conceito de multimodalidade foi apresentado por Kress e Van Leeuwen (1996). Eles explicam que o campo visual, imagético, facilita o entendimento de um texto. Isso nos leva a pensar que a atividade praticada e apresentada neste trabalho também carrega o que aqueles autores afirmaram, uma vez que as imagens, nas atividades, ajudaram os estudantes a desenvolverem suas opiniões críticas sobre os produtos.

O GÊNERO PROPAGANDA

Para Gonçales, (2009, p.27) a propaganda é "[...] conceituada como arte de tornar público, divulgar um fato ou uma ideia, já com objetivos comerciais, uma vez que pode despertar o desejo de compra, levando-o a essa ação. Pode-se observar que a propaganda tem objetivos, por sinal, bem definidos. Na Propaganda, se vê uma celeuma de palavras e imagens com o intuito de estimular no público um retorno rápido.

De modo simples, a Propaganda é um gênero discursivo de ampla propagação social. Esse gênero dá possibilidades de o aluno compreender de maneira mais fácil o texto, de manifestar sentimentos e opiniões. Para Bakhtin, (2010) o gênero é composto de conteúdo temático, estilo e organização composicional.

Nesse sentido, o conteúdo temático corresponde a um conjunto de temas que podem ser

ISBN 978-65-87128-14-6

abordados por um gênero. O estilo corresponde aos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais, utilizados pelo enunciador. Esses três elementos estão intrinsicamente ligados no enunciado, assim como no gênero Meme, neste, podemos destacar também a ironia como forma de estilo.

O GÊNERO MEME

O gênero Meme foi cunhado pelo biólogo DAWKINS (2007), no qual se entende a transmissão cultural humana, ou seja, a informação que é propagada de indivíduo para indivíduo. O Meme vem do termo grego e significa imitação. Esse termo é bastante conhecido no "mundo da internet" e "viraliza" espalhando informações rapidamente em formas de vídeos, imagens, frases, músicas, entre outros.

É preciso entender melhor o vínculo comunicativo dos Memes com a semiótica e acima de tudo compreender as relações de alusão, encadeamentos contextuais, métodos de emissão e consequências ao ser produzidos a um receptor, uma vez que, terá como particular, métodos comunicativos ao uso da linguagem *internetês* nas aulas de Língua Portuguesa. Os autores SANTAELLA; NÖTH, (2004, p. 76) dizem que :

> Para a semiótica, o que interessa são todos os tipos de signo possíveis, verbais, não-verbais e naturais, seus modos de

ISBN 978-65-87128-14-6

> significação, de denotação de informação; e todo o seu comportamento e propriedades. Que poderes de referência eles têm, como se contextualizam, como se estruturam em sistemas e processos, como são emitidos, produzidos, que efeitos podem provocar nos receptores, como são usados, que consequências podem advir deles a curto, médio e longo prazo? Eis aí questões que cabe a semiótica investigar.

Assim como na semiótica em que são produzidos efeitos instigativos nos receptores, o Meme também atua com efeitos semelhantes, uma vez que pode contribuir na aprendizagem, não penas por ser de fácil entendimento, mas por sua rápida velocidade de informação e acesso facilitado a muitos sujeitos.

O TRAÇADO METODOLÓGICO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A CRIAÇÃO DE SLOGAN

O gênero Propaganda foi selecionado, porque seu estudo foi sugerido para o 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Adventista Altamir de Paiva, localizada no bairro de São Brás, em Belém do Pará, uma vez que está no livro didático para ser utilizado no 2º bimestre. A pesquisa iniciou a partir de um questionário etnográfico aplicado à referida turma composta por 11 (onze) meninas e 15 (quinze)

ISBN 978-65-87128-14-6

meninos de uma escola privada localizada no bairro de São Brás em Belém do Pará.

Os alunos ratificaram o gênero Propaganda ao realizarem atividades selecionadas com foco em tal gênero. Eles expressaram seus pontos de vista levando em conta a criticidade e de que forma a comunicação poderia ser um meio de escape para a concretude dessa pesquisa e da atividade final que culminou na produção de um cartaz de nome (Criação de um Novo Slogan Crítico e Cômico).

A 1ª atividade apresentada foi o questionário etnográfico. O objetivo deste questionário foi de conhecer mais os alunos, seus gostos, hábitos e preferências por diversos tipos de entretenimentos. Leia a seguir, no quadro abaixo, as questões apresentadas do questionário aos alunos, assim como algumas questões respondidas no coletivo por eles.

Questionário I- Pesquisa Etnográfica

Nº PERGUNTAS	RESPOSTAS
1.QUANTOS ALUNOS EXISTEM NA TURMA?	27 alunos
2.QUANTOS DE CADA GÊNERO?	11 meninas e 15 meninos
3.QUAIS AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS DOS ALUNOS?	Pop Internacional- Ken Pop-Rock Nacional- Eletrônica-Metal
4.O QUE FAZEM QUANDO NAVEGAM NA INTERNET?	"Pesquisamos jogos, animes,curiosidades, desenhos e seres mitológicos".
5.QUE GRUPOS SOCIAIS FREQUENTAM?	Whatsap- Rpg-Flamengo
6.QUE LEITURAS REALIZAM?	Mangá-Ficção científica-Casos Criminais-Mistério.

ISBN 978-65-87128-14-6

7.ASSISTEM TELEVISÃO? JORNAIS E COMERCIAIS?	Sim
8.SE PUDESSEM CRITICAR ALGO NA INTERNET, O QUE CRITICARIAM?	Twiter
9.GOSTAM DE DESCREVER TEXTOS OU IMAGENS DA INTERNET? QUAIS?	Sim. Paisagens, desenhos e memes.
10. CONSEGUIRIAM VIVER SEM INTERNET?	"NÃOOOOOOOOO"!

Fonte: Autoria própria ano (2022) .

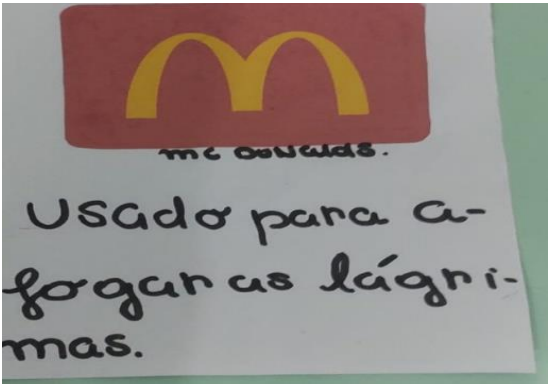
A 2ª atividade foi a produção de slogans. Ademais, aliado a essa produção, lemos e vimos o gênero Meme em slides com todas as suas características. Alguns estudantes, disseram que poderiam criar Memes de propagandas. Partindo dessas falas, começamos a escrever novos slogans críticos e cômicos de imagens e produtos conhecidos no mundo comercial (tais imagens foram impressas e entregues aos alunos). Estes, foram incentivados a selecionar os textos em suas múltiplas faces: aspectos visuais, linguísticos, gramaticais e dentre outros.

A 3ª e última atividade foi a produção de um cartaz intitulado "Criação de um Novo Slogan Crítico e Cômico". Os alunos colaram no cartaz suas produções e anexaram no mural da escola.

A seguir, demostraremos algumas das Propagandas feitas em sala de aula. Iniciaremos as análises e as observações. Para melhor entendimento chamaremos, alunos fictícios de A, B,C e D .respectivamente.

ISBN 978-65-87128-14-6

A propaganda 1: Mostra a marca de rede de restaurante estrangeira

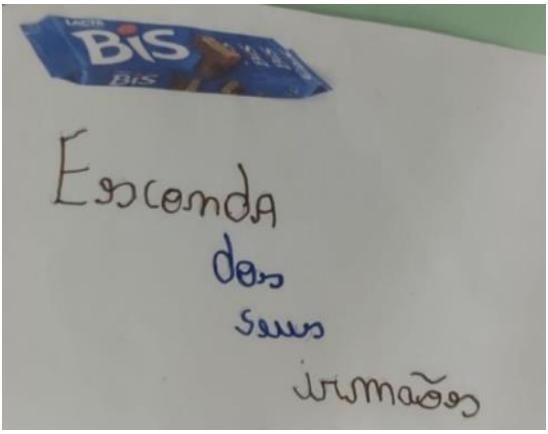


Fonte: produção textual do aluno A ano 2022.

A propaganda da McDonald's se complementa com o texto escrito. Percebe-se a figura de linguagem ironia, por meio da qual se diz o contrário do que se quer dizer. O estudante utilizou palavras opostas como "*lágrimas*" para representar tristeza em um momento que deveria ser prazeroso: o de saborear um alimento que os jovens gostam. Segundo Rojo (2013, p. 20 apud Beaudouin, 2002:207) "*cria-se novas situações de produção de leitura-autoria*", pois o texto digital transforma a relação autor e leitor.

ISBN 978-65-87128-14-6

A Propaganda 2: Evidencia-se a marca de chocolate



Fonte: produção do aluno B ano 2022.

A propaganda da marca do chocolate "*Bis*" faz associações com o significado do nome indicando que é um (doce) e será repetido, no qual isso é motivo para esconder dos irmãos para que não termine rápido, não compartilhamentos, enfim. Para Rojo (2013, p. 17), "isso implica uma crescente variedade de linguagens por meio de interpretações de certos contextos" e situações vividas pelos estudantes.

ISBN 978-65-87128-14-6

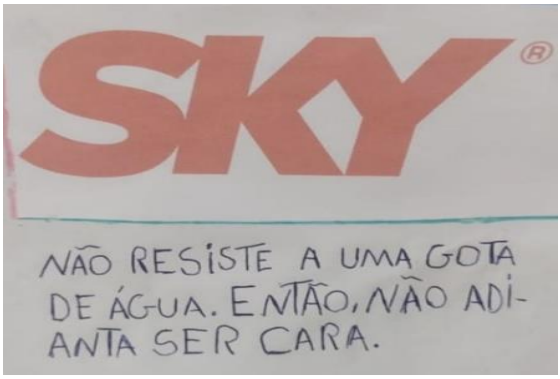
Propaganda 3: Refere-se ao aplicativo de reprodução de vídeos.

Fonte: produção do aluno C ano 2022.

Na propaganda do aplicativo "*Youtube*", o estudante fez uma referência ao canal da internet como algo contraditório, pois vê-se que por trás da expressão: " *aqui está seu vício*" a refutação de que o "*Youtube"* apesar de representar algo bom como pesquisas e estudos, pode também "*viciar*" as pessoas ao utilizarem-no. De acordo com Leal (2005), "um aluno que escreve um texto, utiliza sua linguagem particular, busca também um diálogo e uma relação com o interlocutor, o que se percebe na escrita da propaganda".

ISBN 978-65-87128-14-6

A Propaganda 4 : É uma empresa de telecomunicações brasileira



Fonte: produção do aluno D ano 2022.

Para Zorzi (2003 p. 11), "*a linguagem escrita, por sua vez, é uma herança cultural, a aprendizagem da linguagem escrita requer que alguém o ensine, ou seja, por meio de uma intervenção social planejada para este fim*". O sujeito, deve estar incluído em uma coletividade com acesso ao letramento. Nota-se que em tal propaganda o aluno tem o senso crítico de analisar o produto, isto, certamente, deve-se a vivências e heranças culturais por meio da aprendizagem como afirma Zorzi (2003).

Diante da experiência vivida e apresentada nessa pesquisa, é fundamental que o estudo da leitura e escrita seja direcionado pela técnica de leitura analítica. Os professores Maciel; Braga (2008), conseguiram esclarecer de maneira muito direta tais processos. Estes, por sinal, podem ser trabalhados nas mesmas séries dessa pesquisa, porém, com adaptações. Pode-se por exemplo, trabalhar durante um bimestre

ISBN 978-65-87128-14-6

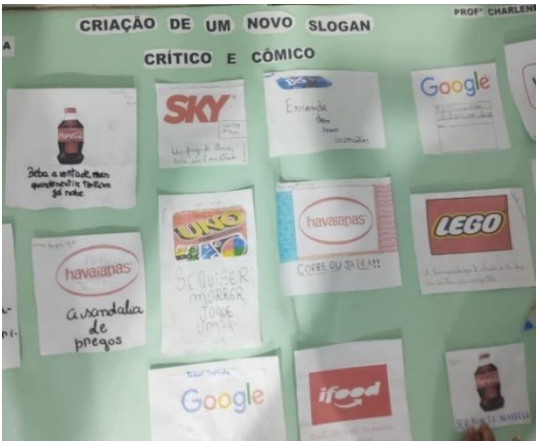
a análise textual e temática, para posteriormente ingressar em outros processos.

Nessa perspectiva, nota-se a necessidade de promover ações metodológicas que tornem o aluno competente para a atividade de produção textual. Após as atividades descritas e demonstradas por meio das imagens, foi proposto à turma que montassem um cartaz com as criações das propagandas para exposição na escola.

ELABORAÇÃO DO CARTAZ E OS COMENTÁRIOS

Na elaboração do cartaz propusemos uma amostra no que tange o produto final com o uso do gênero Propaganda, manuscritos pelos alunos, no qual observa-se nas fotos a seguir:

Foto 1: Amostra parcial da produção do cartaz.



Fonte: autoras, 2022.

ISBN 978-65-87128-14-6

Foto 2: Produção final do cartaz com as autoras da pesquisa.

Fonte: autoras 2022

Considerações finais

Na disciplina de Língua Portuguesa o manuseio tecnológico ainda perpassa por sombrias aplicabilidades em sua execução, ou até mesmo por desconhecimentos efeitos reais da aprendizagem. Uma vez que podemos evidenciar que existem mais vantagens na sua utilização, ou melhor, sua metodologia é de pouca exigência, porém de muito valor multidisciplinar, interdisciplinar e aliás a sua aproximação educacional aluno e professor é quase que evidente.

É um fato que o impacto causado pelas tecnologias nos faz repensar e ressignificar as práticas

ISBN 978-65-87128-14-6

de leitura e escrita via *linguagem da internet*, vivendo-as na era das linguagens líquidas. Contudo, é importante passar do letramento e engajar-se aos ensinamentos dos multiletramentos e enxergar o aluno em sala de aula como "*nativo digital*" como disse Marc Prensky (2001). É preciso que a escola apresse e prepare os estudantes para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital. Os resultados das análises dos textos multimodais corroboram presentes nesse artigo demostra a ideia de que ler e compreender vai além dos aspectos verbais e que a leitura das múltiplas semioses também é fundamental para construir os sentidos do texto.

Percebemos no presente estudo que os recursos verbais, não-verbais, imagens, símbolos, desenhos, cores ativam com mais facilidade os conhecimentos de mundo, além de ampliar o potencial de leitura e facilitar a retenção de informações. Este trabalho levou-nos a reflexões de como contribuir com a formação de um leitor proativo. Verificamos resultados positivos na turma em relação à atividade proposta. Além do mais, conseguimos explorar linguagens e interpretações implícitas dos estudantes de cunho valioso para as aulas de Língua Portuguesa e nas produções textuais.

Referências:

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

ISBN 978-65-87128-14-6

BARCELLOS, Renata da Silva. **O uso do WhatsApp na aula de LP. In: II Congresso nacional de Educação** – CONEDU, 2015. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA15_ID3019_23072015200450.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COPE, B. KALANTZIZ, M. **Multileteracies: New Literacies, New Learning. In Framing languages and Literacies:** Socially Situated Views and Perspectives. Edited by M.R Hawkins. New York: Routledge, 2013.

CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artimed, 2000.

GERALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GONÇALEZ, Márcio Carbaca. **Publicidade e Propaganda**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ISBN 978-65-87128-14-6

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não Bastar ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel — Unicamp; Mec, 2005.

LEAL, L. de F. V. **A formação de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino**. In. COSTA VAL, M. da G.; ROCHA, G. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto:** o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. São Paulo: Papirus, 20 Prensky, Mark. **"Não me atrapalhe, mãe - eu estou aprendendo!": Como os videogames estão preparando os nossos filhos para o século XXI - e como você pode ajudar**, São Paulo: Porte, 2010.

DAWKINS, Richard. ***O gene* egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ISBN 978-65-87128-14-6

ROJO, Roxane. **Escola Conectada: Os Multiletramentos e as Tics**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA; NÖTH W. Lotman: comunicação, código e cultura. In: **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p. 135-143.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. Educação & Sociedade**. Campinas, 2002. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935. Acesso em 12 de fev. de 2022.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e Distúrbios da Linguagem Escrita:** questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Pesquisa realizada sobre os estudos do gênero meme e disponível no site https://www.significados.com.br › meme. Retirado no dia 12.12.2022 às 15:00 hs.

Pesquisa realizada sobre o conceito de multimodalidade como referência o autor Kress, G, & Van Leeuwen, T. (1996). Reading Images: The Grammar of Visual Design. New York: Routledge.Disponível em https://www.scielo.br/j/rbla/a/LgRWCyNyZ8nxPMFZPWJyqfM/?format=pdf. Retirada dia 10.12. 2022 às 12:00 hs.

ISBN 978-65-87128-14-6

Capítulo 2

CONSTITUINTES CULTURAIS, TRADICIONAIS E NARRATIVOS NA/DA LENDA DO AÇAÍ

Antônio Ramiro de Mattos [4]
Valdir Vegini [5]

Introdução

O objeto de estudo deste artigo é uma narrativa indígena da tradição oral paraense que remonta aproximadamente ao século XVI, conhecida como "Lenda do açaí". Nosso objetivo é explorar e relacionar as especificidades contidas nessa narrativa e dela extrair os traços culturais, tradicionais, estruturais e narrativos da construção da realidade concernentes à tradição do próprio consumo do fruto tão presente não só no estado do Pará, mas em toda a região amazônica, com o contexto socioeconômico de algumas regiões ribeirinhas, ratificado no fator-raiz da narrativa.

[4] Mestrando em Letras do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras - PPGML da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e professor EBTT de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.
[5] Prof. Dr. em Letras/Linguística (UFSC, 1995); Pós-Doutor em Narratologia Amazônica (USP, 2014).

ISBN 978-65-87128-14-6

Como primeiro ponto a considerar, queremos de imediato, definir claramente os dois vínculos sobre os quais se assentam este nosso estudo. O liame do primeiro diz diretamente à Linha 2 do Programa de Mestrado em Letras da Unir, que tem consagrados em seu projeto os seguintes princípios:

> Estudos de Diversidade Cultural: Consideram-se aqui, na base epistemológica, as sociedades como constituídas por complexidades linguístico-sociais em configurações linguístico-culturais específicas em lugares menores que o país ou qualquer delimitação político-administrativa, uma vez que essas coletividades estão em processo de conformação ditado por movimentos plurívocos de migrações, vivências e de mundialização. É preciso um instrumental voltado a compreender as diferenças entre comunidades, em termos de língua, variedades, variações, falares e escritos artísticos, localizando as características próprias da Amazônia. Pretende-se, assim, analisar os processos discursivos como experiências culturais na sua diversidade e

ISBN 978-65-87128-14-6

> nos seus vínculos entre os vários matizes da brasilidade poliglota (ribeirinhos, barbadianos, feirantes, quilombolas, indígena, etc.), com discursos relativos a diferentes períodos históricos ou práticas socioculturais, interconectadas ou não.

Como segundo elo, não menos importante que o primeiro, diz respeito ao Projeto de Pesquisa 'Narrativas do Linguajar Rondoniense-NLR', atualmente sob a liderança do segundo autor deste artigo que assim prescreve seu princípio diretriz:

> A oralidade, como um fenômeno linguístico bio-psico-social integrado, um verdadeiro amálgama de elementos diferentes ou heterogêneos que formam um todo e estão presentes em todas as culturas e ações humanas. Diz respeito, portanto, não somente à fala como antônimo da escrita, mas a de todos os indivíduos de uma sociedade sejam eles letrados, não-letrados ou ágrafos, e o uso que dela fazem para interagir socialmente. O que este projeto busca essencialmente é a oralidade 'pura' em relação a não-vinculação com a cultura-escrita,

ISBN 978-65-87128-14-6

> mas, quando as narrativas, as da tradição ancestral, sobretudo, foram transformadas em narrativas escritas como forma de preservação, essas também terão um lugar especial nos estudos narratológicos. (LEITE, M. Q. In: Apresentação do livro de FERREIRA NETTO, 2008, p. 8-10)

Como hipótese do trabalho, podemos afirmar que, embora a narrativa seja vista apenas como uma peça literária de cunho folclórico da região norte, conserva no fator gerador da sua criação – o fruto como elemento de sobrevivência contra a fome -, o alimento como representativo da subsistência de alguns povos da região amazônica, principalmente ribeirinhos. Apesar do açaí ser considerado símbolo cultural na região norte, muitos desconhecem a narrativa, que é cercada de detalhes e verossimilhança com a situação socioeconômica e o arranjo produtivo local de diversas comunidades do território amazônico. No momento em que este trabalho analisa de forma científica a narrativa dentro da ótica dos textos de tradição oral/escrito, pode propiciar uma exposição de elementos culturais, narrativos e tradicionais submersos no texto "Lenda do açaí" e desencadear reflexões de como esse fruto se tornou uma Tradição de Consumo extrapolando o nível linguístico de uma narrativa.

Para validar os argumentos formulados em nossa hipótese bem com nossas justificativas, iremos

ISBN 978-65-87128-14-6

nos basear em seis vertentes científico-metodológicas[6] diferentes, que irão nortear nosso caminho na busca de nossos objetivos definidos nas primeiras linhas desta introdução: a) a pesquisa bibliográfica na medida em que todos os estudos científicos partem desse procedimento (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1988, p. 119-188; BOOTH *et al.* 2000, p. 35-336; DAY, [1979] 2001, cap. 7, 8, 9, 10; FURASTÉ, [1993] 2008, p. 19-301; GIL, [1987] 1996, p. 11, 12, 45-52; OLIVEIRA, 1977, p. 103-232; POPPER, 2007 (Parte I, II, Apêndices); b) a pesquisa descritiva dado que ela permite a delimitação das características de determinado fenômeno (GIL, 1996, p. 46); c) a pesquisa exploratória posto que ela tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 1996, p. 45); d) a pesquisa documental, ainda que muito semelhante à bibliográfica (tanto uma como outra são também técnicas de pesquisa), vale-se de materiais que carecem ainda de um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1988, p. 119-188; BOOTH *et al.* 2000, p. 35-336; DAY, [1979] 2001, cap. 7, 8, 9, 10; FURASTÉ, [1993] 2008, p. 19-301; GIL, [1987] 1996, p. 11, 12, 45-52; OLIVEIRA, 1977, p. 103-232; POPPER, 2007 (Parte I, II,

[6] Metodologia vem do Grego *METHODOS* (*methá* [atrás, através] + *hodo-s*[caminho] + *log-ia*[estudo, tratado, palavra]), ou seja: estudo [*logos*] que se faz através [*meta*] de um caminho [*hodos*].
Disponível em: https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-da-palavra-metodologia/.

ISBN 978-65-87128-14-6

Apêndices); e) a pesquisa hermenêutica[7] visto que estudar uma narrativa da tradição oral ou escrita exige, necessariamente, interpretações mais intuitivas que lógicas, sem pretensão alguma de buscar a 'referência objetiva' ou a 'verdade do propósito único' de que fala Gellner (1988 [1ª edição em inglês]; 1992 [1ª edição em espanhol], p. 17-64), mas tão somente uma tentativa de encontrar a alegoria ou a forma figurada ali presente*;* f) a pesquisa etnolinguística porquanto a obra vai se alicerçar, essencialmente, em quem registrou por escrito uma narrativa oral vinda de longa data, deixando nas entrelinhas, mesmo que inconscientemente, o trinômio língua, cultura e sociedade dos povos ribeirinhos da região amazônica (LIMA BARRETO, 2010, p. 1-8); g) a pesquisa narrativa já que neste artigo é o ponto focal acerca do qual estarão voltadas nossas atenções analíticas, comparativas, descritivas, explicativas, etnolinguísticas e hermenêuticas. Segundo Paiva (2019, p. 87), para ficar somente em um autor e um dos seus compêndios, 'uma narrativa é sempre uma história (eventos do passado) real ou fictícia, narrada oralmente' ou, no nosso caso, já sacramentada por escrito. Diríamos, que, até mais apropriadamente que fictícia, uma narrativa não é nem verdadeira e nem imaginária; ela é simplesmente 'verossimilhança', isto é, ela se interessa unicamente pela ligação, pelo nexo ou harmonia, pela

[7] WELLER, W. – UnB. – Disponível em: https://www.anped.org.br/biblioteca/item/hermeneutica-como-metodo-empirico-de-investigacao. Acesso em: 30 de jun. 2023.

ISBN 978-65-87128-14-6

coerência (e não exatidão) entre fatos ou ideias dado que os elementos imaginosos ou fantasiosos ali presentes são determinantes no texto, o que a difere, essencialmente, do pensamento científico ou literário. Quem nos assegura isso é nada menos do que o grande psicólogo, pensador e escritor estadunidense Jerome Bruner quando escreve:

> Como discuti extensivamente alhures, nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: história, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer, e assim em diante. A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas, e mentores. Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos, que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar 'verossimilhança.' Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção

ISBN 978-65-87128-14-6

> e por 'necessidade narrativa', e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas. (BRUNER, 1991, p. 4 e 12)

Aliás, é a própria Paiva (2019, p. 87) quem, explicitamente, reconhece o diferencial dos estudos narrativos das últimas décadas do século passado ao citar os linguistas Joshua Waletzky e William Labov (1967), William Labov (1997) e o psicólogo Jerome Bruner (1991, 1997, 1998) ao afirmar: 'Quando falamos em pesquisa narrativa, os primeiros nomes que nos vêm à mente são: na linguística, os de Joshua Waletzky & William Labov (1967), William Labov (1997) e, na psicologia, o de Jerome Bruner (1991, 1997, 1998).

Como elemento final desta introdução, definimos como será organizado ou estruturado nosso artigo. Para tanto, depois da Introdução, daremos atenção ao ESTADO DA ARTE, que terá por finalidade sustentar a análise do relato escrito da narrativa indígena da tradição paraense, que escolhemos para trabalhar. Nesse sentido, dividiremos a seção do ESTADO DA ARTE em três subseções de cunho teórico: Cultura, Tradição e Narrativa, inserindo em cada uma delas as considerações científicas provindas de autores com critério de autoridade. Concluída essa parte, abriremos uma nova seção e nela apresentamos a narrativa da tradição oral/escrita "Lenda do açaí" de

ISBN 978-65-87128-14-6

origem paraense dentro de duas células. A da direita, conterá a narrativa propriamente dita; a da esquerda, os números correspondentes a cada linha do relato, metodologia que irá facilitar a localização das partes (linhas), que vão comprovar, se houver, as características culturais, tradicionais e narrativas apresentadas na teoria e que poderão ampliar a relação do "açaí" com o arranjo produtivo da região. Essa seção será, por sua vez, também dividida em três subseções com os mesmos títulos das subseções do aporte teórico (Cultura, Tradição e Narrativa), mas agora para mostrar, via análise ou cotejamento, os traços, as características, as condutas, os atos ou os fatos culturais, tradicionais e narrativos, que tornam o texto um elemento propulsor para uma explicação indígena sobre o aparecimento do fruto que é fonte de riqueza cultural, tradicional e alimentar na região amazônica. Com isso, nosso estudo terá chegado, parcialmente, ao fim na medida em que faltam ainda serem mencionadas mais duas partes essenciais da estrutura de um artigo, que não fazem parte das seções ou subseções propriamente ditas. Trata-se das Considerações Finais e das Referências.

ESTADO DA ARTE

Nesta seção, apresentamos conceitos para os termos Cultura, Tradição e Narrativa, que servirão de base para análise da narrativa tradicional indígena paraense "Lenda do açaí", a partir de considerações

ISBN 978-65-87128-14-6

científicas provindas de autores com critério de autoridade.

Cultura

Esta primeira subseção apresenta, resumidamente, o conceito de Cultura sob quatro facetas diferentes: como fenômeno universal e tridimensional (cérebro/mente/cultura), como fenômeno híbrido, como fenômeno identitário e societário líquido. Para isso, utilizamos teóricos sobejamente conhecidos, que vão sustentar nossa análise e conclusões: Laraia ([1986] 2000), Canclini ([1989] 2015), Hall ([1992] 2006).

Muitas e diversas são as definições para o termo 'CULTURA'. Assim, por exemplo, o Dicionário Eletrônico Houaïss nos diz que se trata de um 'conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social'. Se nos ativermos a uma definição popular, haveremos de compreender que ela é tão sábia quanto a do dicionário e mesmo de estudos refinados, que tratam dessa temática: 'Cultura é o que aprendemos socialmente'. De fato, quem somos nós se não o que nos ensinaram ou nos influenciaram nossos pais ou as pessoas que mais proximamente conviveram conosco? Achamos encantador uma criancinha imitar um gesto ou uma palavra de um adulto. Pois o que ela está fazendo, já em tão tenra idade, é refletir a cultura de quem está próximo dela, que normalmente são seus pais, irmãos e parentes. Como sabiamente nos afirma Laraia ([1986] 2000, p. 13), 'Cada qual considera

ISBN 978-65-87128-14-6

bárbaro o que não se pratica em sua terra.' O fato de condenar qualquer outra cultura não deve nos levar à cegueira acerca dos nossos costumes. Em seu pequeno livro, as ideias desse pensador permanecem válidas e continuam a dirimir muitas dúvidas acerca do que vem a ser 'cultura'. Laraia o faz com simplicidade e competência e, a nosso ver, seu grande mérito, mesmo que raramente levado em consideração, é a destruição vertical que ele faz do 'etnocentrismo', visão de mundo caracterizada por quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. ([LARAIA, 1986] 2000, p. 75). Nada disso precisaria existir, na verdade, se as pessoas, levassem a sério o que contém nos livros sagrados de todos as religiões espalhadas pelo planeta. Mas, como dizem os italianos, '*il uomo è cosi*'[8] Na realidade, 'o comportamento dos indivíduos depende de uma aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação[9]. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada' que recebem. (LARAIA, [1986], 2000, p. 20). De toda forma, quem, a nosso ver, define cultura mais apropriada e completa é seguramente Morin:

> O homem somente se realiza plenamente como ser humano

[8]'O homem é assim.'

[9] Endoculturação: processo que explica a transmissão e a aprendizagem de comportamentos dentro de uma mesma cultura (geralmente quando se é criança), feito pela educação, pela imitação e pelo condicionamento do meio social. [...]. Disponível em: INFOPÉDIA – Dicionário Porto Editora. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

ISBN 978-65-87128-14-6

> pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano [...], não há mente, isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura. Com o surgimento da mente, ela intervém no funcionamento cerebral e retroage sobre ele. Há, portanto, uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro, que suscita a cultura, que não existiria sem o cérebro (MORIN, 2002, p. 52-3).

No que diz respeito às 'Culturas Híbridas', Canclini (2015) concentra sua análise na **hibridização intercultural**, dedicando sua atenção, em primeiro lugar, na 'noção que aparece nas ciências sociais como substituto do que já não pode ser entendido sob os rótulos de **culto** ou **popular**, permutando esses dois termos para **cultura urbana** a fim de conter as formas dispersas da modernidade (CANCLINI, [1989] 2015); em segundo lugar, ocupa-se de três processos fundamentais para explicar a **hibridização**, ou seja, a quebra das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros'. Com isso, ele pretende 'precisar as articulações entre

ISBN 978-65-87128-14-6

modernidade e pós-modernidade, entre cultura e poder'. Sem dúvida, 'a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridização cultural'. (CANCLINI, [1989] 2015, p. 284-285) Para esse autor, entretanto, depois da publicação dos estudos de Castells (1973), acumulam-se evidências de que a 'sociedade urbana' não se opõe taxativamente ao 'mundo rural', que o predomínio das relações secundárias sobre as primárias, da heterogeneidade sobre a homogeneidade não são atribuíveis unicamente à concentração popular nas cidades. Como explicar - pergunta-se Canclini - que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do meio rural se não por que as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais os conecta diretamente com as inovações modernas? Além disso, acrescenta, 'os grupos populares estão cada vez mais reclusos em suas casas por diversos motivos, inclusive, segurança, e compensam essa quase imobilidade por meio da mídia em geral; enfim, a mobilização social, do mesmo modo que a estrutura da cidade fragmenta-se em processos cada vez mais difíceis de totalizar e quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre ela concentra-se em intercâmbios íntimos. Todavia, há que se reconhecer que às vezes os meios massivos também contribuem para superar a fragmentação social e, nesse sentido, a mídia se transforma, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora de outras interações coletivas. A publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que

ISBN 978-65-87128-14-6

reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras (CANCLINI, [1989] 2015, p. 285-290).

Hall ([1992] 2006) atrela seu conceito de cultura, à ideia da identidade. Para esse autor, as identidades cultuais podem surgir do nosso pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais ou ganhar uma nova concepção a que ele denomina de identidade pós-moderna, ou seja, o contrário do período em que ela era tida como 'unificada e estável'. Na pós-moderna, o ser humano torna-se ou percebe-se fragmentado, ou seja, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Para Hall, esse sujeito não tem mais uma identidade fixa, essencial ou permanente porque vai continuamente se transformando para dar conta dos diversos 'sistemas culturais' que o rodeiam e, portanto, sua identidade é definida historicamente e não biologicamente. Em síntese, segundo esse autor, a identidade plenamente unificada, completa, segura coerente é uma fantasia (HALL, ([1992] 2006, p. 12). A sociedade, que rodeia o mundo pós-moderno, e que gera as mudanças constantes, chama-se 'globalização' e seu impacto sobre a 'identidade cultural' é inquestionável. Apesar de um aparente caos, esse deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a produção de novas identidades, a criação de novos sujeitos e a recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação (HALL, [1992] 2006, p. 18). Na atualidade, as 'culturas nacionais' constituem-se em

ISBN 978-65-87128-14-6

uma das primeiras fontes da 'identidade cultural'. A nação produz sentidos, um sistema de 'representação cultural'. Ela é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. As 'culturas nacionais' são uma forma de identidade pós-moderna e tornam-se uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da pós-modernidade. Não obstante, as identidades nacionais por estarem centradas, coerentes e inteiras, estão sendo agora deslocadas pelos processos de globalização (HALL, [1992] 2006, p. 47, 49-0). As 'culturas nacionais' são compostas não apenas de 'instituições culturais', mas também de símbolos e representações; elas nos identificam e nos dão a sensação de pertencimento. Quem sustenta esses símbolos e representações são as 'narrativas da cultura nacional', que cada qual mantém dentro de suas peculiaridades. Elas estão presentes na História ou na 'história', na literatura, na mídia, e, sobretudo, na 'cultura popular'[10] focadas nas origens, na continuidade, na 'tradição e na intemporalidade.' A 'narrativa primordial ou primitiva ou fundamental' pode ser tão longínqua que se perde nas brumas do tempo, não do tempo real, mas de um 'tempo mítico' ou primevo. Essas 'narrativas primordiais' têm o mérito de manter a ideia simbólica de que o conjunto de pessoas, que as mantêm são descendentes de um povo ou *folk*, de um 'grupo étnico puro, original,

[10] Bruner (1997, p. 39-64) dedica o capítulo 2 de seu extraordinário livro 'Atos de Significação' para falar da 'Psicologia Popular como um Instrumento da Cultura', muito próximo da 'Cultura Popular' de Hall. (HALL, [1992 [2006)

ISBN 978-65-87128-14-6

primordial'. Logo, o discurso da 'cultura nacional' não é, assim, tão moderno como aparenta ser (HALL, [1992] 2006, p. 56). Contudo, raciocina Hall, a ideia de Pátria como símbolo de identidade ou 'cultura nacional' está longe de representar uma unanimidade já que a maioria das nações consiste de 'culturas separadas', que só foram unificadas por longo processo de conquista violenta, isto é, pela supressão forçada de 'diferenças culturais'. Pelo que se percebe, não há 'culturas nacionais unificadas', mas dispositivo discursivo que representa a diferença como uma unidade ou identidade, ou seja, as nações modernas são, na verdade, 'hibridismos culturais' (HALL, [1992] 2006, p. 59-61). A causa desse fenômeno surge de um complexo processo e de forças de mudanças que, por consequência, resulta no que denominamos de 'globalização' (ocidentalizada). Consequência desse acontecimento, o que se observa é que há aceleração dos fluxos entre as nações. Em outros termos, a globalização surge como filha genuína do 'capital', que nunca permite que suas aspirações sejam determinadas por fronteiras nacionais (HALL, [1992] 2006, p. 67-69). E, nesse jogo de poder, a língua inglesa torna-se uma língua franca internacional e o dólar/cartão uma moeda global. Paradoxalmente, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, surge uma fascinação pela diferença e a mercantilização da etnia e da alteridade, isto é, ao lado de novas identificações globais, identificações locais começam a angariar prestígio mundial (HALL, [1992] 2006, p. 78-9). A par disso, está surgindo outro fenômeno denominado de 'migração' das periferias para os centros motivada por

ISBN 978-65-87128-14-6

fatores diversos como 'pobreza, seca, fome, subdesenvolvimento econômico, colheitas fracassadas, guerra civil, distúrbios políticos, conflitos regionais, mudança arbitrária de regimes políticos, dívida externa impagável'. Essa formação de enclaves étnicos minoritários (territórios encravados dentro de outros) no interior de Estados-Nação (ocidentais) leva a uma 'pluralização culturais' e de identidades nacionais. (HALL, [1992] 2006, p. 83). Em todas as partes estão emergindo 'identidades culturais' que não são fixas. Isso ocorre porque esses migrantes retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de 'pureza cultural perdida' ou de absolutismo étnico. Elas estão irremediavelmente 'traduzidas'. São, na verdade, produto de novas 'diásporas' criadas pelas migrações pós-coloniais. As 'culturas híbridas' são um dos diversos tipos de identidade, distintivamente, novos produzidos na era da modernidade tardia (HALL, [1992] 2006, p. 91-96). E, sob muitos aspectos, a 'globalização' (Ocidental), pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, 'descentramento do Ocidente' (HALL, [1992] 2006, p. 97). Enfim, reconhece Hall, como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer informações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proporções teóricas, que foram apresentadas (HALL, [1992] 2006, p. 98).

ISBN 978-65-87128-14-6

Tradição oral e contexto social da tradição

Nesta segunda subseção, Vansina (1982) é o teórico da vez. É ele quem vai falar que 'Quase em toda parte as palavras tem um poder misterioso, pois as palavras criam coisas[11] (VANSINA, 1982, p. 158), que a oralidade é reflexo da representação coletiva e que o valor maior das tradições reside em sua explicação das mudanças históricas no interior de uma civilização.'

Para esse autor, (1982, p. 157), 'a tradição oral é o testemunho de uma sociedade transmitido oralmente de uma geração a outra' e suas características particulares são o verbalismo, que também se constitui em sua maneira de transmissão, diferindo, por isso, das fontes escritas. Para Vansina, uma definição, ainda que um pouco arbitrária de um testemunho poderia ser a que compreende 'todas as declarações feitas por uma pessoa sobre uma mesma sequência de acontecimentos passados, contanto que a pessoa não tenha adquirido novas informações entre as diversas declarações' (VANSINA, 1982, p. 158). Para ele, 'uma tradição oral é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte', embora nem toda informação verbal seja uma tradição. Por isso, pondera o antropólogo, o testemunho ocular é de grande valor

[11] A PALAVRA CRIA COISAS - Embora já estejamos em pleno século XXI, a 'força da palavra em criar coisas' continua viva como nunca. Para ficar somente em dois exemplos, vejamos o que ocorre, entre os cristãos, com o batismo e o casamento onde a palavra é quem define quem está batizado ou casado: 'Eu te batizo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo'; 'Eu vos declaro marido e mulher.'

ISBN 978-65-87128-14-6

por se tratar de uma fonte 'imediata', não transmitida, de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos. Para ele, portanto, 'toda tradição oral legítima deveria, na realidade, fundar-se no relato de uma testemunha ocular' (VANSINA, 1982, p. 158). Afirma também que uma sociedade ágrafa reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, que é conservada e venerada pela tradição oral. Nesse sentido, prossegue, 'a oralidade é uma questão de atitude e não a falta de habilidade de expressão, ou seja, é vista como algo pertinente à realidade em que vive.' (VANSINA, 1982, p. 140). A oralidade, segundo Vansina (1982), é reflexo de 'uma representação coletiva, já que o corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma' (VANSINA, 1982, p. 158). Assim, antes de interpretar as tradições de uma sociedade. É preciso, pois, que o pesquisador 'deva iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar as suas tradições' (VANSINA, 1982, p. 158). Nesse sentido, é preciso cotejar as diversas narrativas e o momento histórico em que foram produzidas. Elas sempre são reflexos do pensamento dos povos que as cultiva(va)m; são 'representações coletivas de cada uma dessas civilizações e se constituem em uma das formas encontradas por eles para conceber o mundo de seu tempo' (VANSINA, 1982, p. 166-167). Bariani (2012), por exemplo, considera que a personagem Mapinguari é apenas 'mais uma das demonstrações do medo do desconhecido e do insondável dentro do dia a dia do

ISBN 978-65-87128-14-6

povo interiorano do vasto território amazônico' (BARIANI, 2012, p. 21), ou seja, esse personagem seria uma representação coletiva da civilização amazônica do final do século XIX e grande parte do século XX, que perdura, por meio de adaptações, até os dias de hoje. Entre as representações coletivas que mais influenciam a tradição oral, de acordo com Vansina, está 'uma série e categorias de base que precedem a experiência dos sentidos: tempo, espaço, verdade histórica, causalidade'. Amparado em sua larga experiência prática nesse tema, Vansina (1982) conclui que 'o valor maior das tradições reside em sua explicação das mudanças históricas no interior de uma civilização' (VANSINA, 1982, p. 170, 171 e 179). Assim, por exemplo, o surgimento do ente silvícola Mapinguari, como tantas outras personagens estranhas amazônicas, é fruto de inúmeras adaptações de personagens monstruosas da tradição europeia e indígena, (SILVA, A. B. A., 1977, p. 287-297); (VEGINI *et al.*, 2014) emersas durante os ciclos da borracha na Amazônia no final do século XIX e nas primeiras cinco décadas do século XX, período histórico em que ocorre os dois grandes ciclos da borracha, a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - EFMM, as duas guerras mundiais, forçando grandes mudanças na face do planeta, inclusive na ampla região amazônica.

Narrativa, narrador, pensamento narrativo

Nesta terceira subseção, priorizamos Barthes *et al.* ([1981] 2011); Vansina ([1982, 1991], 2010); Labov

ISBN 978-65-87128-14-6

(1997); Bruner, [1986, 1997], 1998, p. 12-46); Ferreira Netto (2008) e Vegini & Vegini (2018).

Barthes *et. al.* ([1981] 2011, p. 1) considera que o fenômeno da narrativa está 'Presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades'; elas começam com a própria história da humanidade e estão em toda parte 'porque não há povo algum sem narrativa.' Segundo Bruner (1991, p. 3), 'nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: histórias, desculpas, relatos fantasiosos, razões para fazer e para não fazer, e assim por diante. Nos anos 1980, 'os psicólogos não só ficaram conscientes da possibilidade da narrativa ser uma forma de representar, mas também de construir a realidade.' Por conta disso, a preocupação central dos narratólogos deixa de ser como o texto narrativo é construído, mas 'de que modo ele opera como um instrumento mental de construção de realidade.' Em 1997, Labov. (1997, p. 1-17), retoma os estudos sobre narrativas de Bruner (1991), agora, porém, preocupado com aquelas que provêm de 'experiências pessoais.' Na visão de Labov (1997, p. 2), 'uma narrativa é o protótipo, talvez o único exemplo, de um evento de fala bem formado, com um começo, um meio e um fim.' Também para Labov, uma narrativa muito raramente permitem-nos provar alguma coisa já que se trata de um 'estudo essencialmente hermenêutico', em que a associação contínua com o discurso alcança a perspectiva do falante e de seu ouvinte (ou leitor) dando curso à transferência da informação e da experiência de uma maneira que

ISBN 978-65-87128-14-6

aprofunda nossa própria compreensão do que são aproximadamente a linguagem e a vida social. Muito mais complexa é a tarefa para explicar como as narrativas são produzidas pela estrutura da mente humana e o que elas têm a ver com as 'narrativas verossimilhantes' ou 'primordiais verossimilhantes'. (BRUNER, [1986, 1997], 1998, p. 12-46; LABOV, 1997, p. 2; FERREIRA NETTO, 2008, 39-52; 52-73; VANSINA, [1982, 1991], 2010, p. 158-179; VEGINI, V. & VEGINI, R. L., 2019, p. 508). A fonte original da produção das narrativas, independente da classificação ou foco, está no cérebro humano, mais precisamente em 'dois modos gerais do nosso pensamento': o 'narrativo e o paradigmático', este também conhecido como 'modo científico'. (BRUNER, [1986, 1997], 1998, p. 12-46). Segundo esse autor, 'os dois modos de funcionamento cognitivo do pensamento fornecem diferentes possibilidades de ordenamento da experiência de construção da realidade' e, ainda que complementares, 'são irredutíveis um ao outro.' É que cada um deles tem princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação visto que eles diferem radicalmente em seus procedimentos para a verificação. De fato, constata Bruner ([1986, 1997], 1998, p. 12-46), 'uma boa história e um argumento bem formado são tipos naturais distintos'. O modo narrativo não tem a função de descrever um fato ou os passos objetivos que geram esse evento, 'mas a presença de argumentos bem formados é crucial porque vão produzir boas e fascinantes 'histórias' na medida em que exercem papel fundamental ou meio imprescindível para convencer o outro.' As histórias

ISBN 978-65-87128-14-6

bem formadas do modo narrativo tentam persuadir alguém de sua semelhança com a vida, 'estabelecendo não a verdade, mas a verossimilhança.' No modo narrativo, a aplicação imaginativa leva a 'histórias' boas, dramas envolventes, relatos 'históricos' críveis, 'mas não necessariamente verdadeiros' visto que 'sua função cognitiva está voltada para as ações e intenções humanas ou similares às humanas e as vicissitudes e consequências que marcam seu curso.' Para Bruner ([1986, 1997], 1998, p. 12-46), 'a função imaginativa no modo narrativo esforça-se para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço'. Os eventos narrativos são simplesmente conclusivos ou inconclusivos já que eles são construídos sobre a preocupação com a condição humana e suas histórias. 'Seus relatos podem atingir desenlaces cômicos, tristes ou absurdos porque não têm necessidade de comprobabilidade'. No modo narrativo, 'relatos começam com um estado estável, canônico ou legitimado, que é rompido, violado, resultando em uma crise, que é solucionada por uma compensação'. Todavia, em uma narrativa, há ainda outro aspecto, o dualística, ainda mais complexo e, de certa forma, difícil de ser compreendido.
É que ela tem que construir dois panoramas simultaneamente: a) 'da ação' em que os constituintes são os argumentos: agente, intenção ou objetivo, situação, instrumento, algo que corresponde a uma gramática da história; b) 'da consciência' em que os envolvidos na ação sabem, pensam ou sentem ou não sabem, não pensam ou não sentem. Esses dois

ISBN 978-65-87128-14-6

panoramas são essenciais e distintos. É que 'a realidade psíquica domina a narrativa e qualquer fato que exista além da consciência daqueles envolvidos na 'história' é colocada lá pelo autor com o objetivo de criar efeito dramático.' Por conta disso, uma narrativa acaba entrelaçando-se ao e no 'mundo cultural' dada 'a complexidade condicional da sua função de construir a realidade.' As narrativas também fazem acréscimos (ou dispositivos protéticos) 'ligados a um conjunto de ferramentas culturais'. (BRUNER. 1991, p. 17). De fato, tanto a ciência (do modo paradigmático) quanto a narrativa (esta em seu alcance mais profundo como uma forma de arte) 'são frutos da cultura humana e só podem ser compreendidos se aspectos culturais forem levados em consideração' (BRUNER, [1986, 1997], 1998, p. 17).

NARRATIVA DA TRADIÇÃO ORAL/ESCRITA "LENDA DO AÇAÍ"

A narrativa objeto de estudo é uma variante dentre outras. Optamos por esta versão, em função do site de busca ter no seu endereço a palavra "amazonia", que pode ser o fator de escolha de quem faz a pesquisa. No entanto, no cotejamento da seção 3 incluimos um trecho de outra variante, que enriquece a análise.

ISBN 978-65-87128-14-6

LENDA DO AÇAÍ[12]

Antes de existir a cidade de Belém, capital do estado do Pará na Amazônia, uma tribo muito numerosa ocupava aquela região. Os alimentos eram escassos e a vida tornava-se cada dia mais difícil com a necessidade de alimentar os índios da tribo. Foi aí que o cacique da tribo, chamado de Itaki tomou uma decisão muito cruel. Ele resolveu que a partir daquele dia todas as crianças que nascessem seriam sacrificadas para evitar o aumento de índios da sua tribo. Um dia, no entanto, a filha do cacique, que tinha o nome de Iaçã, deu à luz uma linda menina, que também teve de ser sacrificada. Iaçã ficou desesperada e todas as noites chorava de saudades de sua filhinha. Durante vários dias, a filha do cacique não saiu de sua tenda. Em oração, pediu a Tupã que mostrasse ao seu pai uma outra maneira de ajudar seu povo, sem ter que sacrificar as pobres crianças. Depois disso, numa noite de lua, Iaçã ouviu um choro de criança. Aproximou-se da porta de sua oca e viu sua filhinha sorridente, ao pé de uma esbelta palmeira. Ficou espantada com a visão, mas logo depois, lançou-se em direção à filha, abraçando-a. Mas, misteriosamente a menina desapareceu. Iaçã ficou inconsolável e chorou muito até desfalecer. No dia seguinte seu corpo foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira. No rosto de Iaçã havia um sorriso de felicidade e seus olhos negros fitavam o alto da palmeira, que estava carregada de frutinhos escuros. O cacique Itaki então, mandou que apanhassem os frutos em alguidar de madeira, o qual amassaram e obtiveram um vinho avermelhado que foi batizado de **açaí**, em homenagem a Iaçã (invertido é igual a açai). Com o açaí, o cacique alimentou seu povo e, a partir deste dia, suspendeu sua ordem de sacrificar as crianças, mas de respeito pela vida.

Fonte. Disponível em: https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-l/lenda-do-acai. Acesso em: 02 de jul. de 2023.

[12] Na transcrição da narrativa "A", serão mantidas as palavras "tribo", "índio" e "lenda". Contudo, o decorrer da escrita do artigo, para designar o lugar, utilizaremos a palavra "aldeia", para designar os indivíduos utilizaremos a palavra "indígena" e para designar o texto utilizaremos "narrativa" (vocábulo utilizado em nossos estudos narratológicos), só manteremos a palavra "Lenda" quando nos referirmos ao título.

ISBN 978-65-87128-14-6

ANÁLISE: COTEJAMENTO, AVALIAÇÃO E EXPLICAÇÃO

Nesta variante da narrativa, que doravante nos referiremos como Narrativa "A", somos apresentados ao contexto social e regional do enredo (linhas 01 - 03), que nos transporta para bem antes de 1616, ano da fundação da cidade de Belém, no estado do Pará, na região Amazônica. Nessa região, habitava uma aldeia indígena que já enfrentava um problema que perdura até hoje, a fome, na ocasião específica, devido à escassez de alimentos. Essas informações se tornam importantes, uma vez que essas narrativas '[...] não podem ser compreendidas fora do seu contexto total' (CANDIDO, [1965] 2006, p. 61). O cacique Itaki recorre a uma solução radical para controle da natalidade a fim de amenizar a falta de alimentos, ou seja, ele opta por sacrificar os nascituros para evitar o aumento de indígenas da aldeia (linhas 03 - 06).

Mais à frente, realizaremos o confronto entre o contexto apresentado no início da narrativa com o cenário socioeconômico atual. Na sequência, analisaremos alguns elementos culturais, narrativos e tradicionais da narrativa em estudo.

Cultura

A partir da (linha 07) incluiremos na análise hermenêutica um trecho de outra narrativa variante, alicerçado em Vansina (1982, p. 144) que afirma: "[...] é possível descobrir a origem híbrida de uma tradição, pela coleta de todas as suas variantes, inclusive das que

ISBN 978-65-87128-14-6

não são consideradas históricas, [...]". Nas (linhas 06 – 07) da Narrativa "A", vemos emanar a postura do líder indígena de fazer valer sua lei para todos, inclusive membros diretos da sua família, no caso, sua filha e sua neta, postura justificada no seguinte trecho da variante Narrativa "B":

	LENDA DO AÇAÍ
	[...]
00	Mas antes de Iaçá dar à luz, Jacira e Jandira
01	deram à luz duas lindas meninas. O cacique Tupi ignorou
02	os lamentos e amarguras das mães e matou-as. Iaçá deu à
03	luz um lindo menino na floresta e lá ficou durante sete
04	dias e sete noites. Após esse período voltou para a tribo
05	sem a criança. Trouxe-a depois de um mês, e apresentou
06	ao pai e à tribo, implorando-lhes para que o filho vivesse
07	na comunidade, mas o pai, por ser cacique, falou no meio
08	da oca:
09	-Muitas luas atrás, eu decretei que toda e
00	qualquer criança que nascesse na tribo morreria. Assim
00	como morreram as filhas de Jandira e Jacira, o mesmo farei com o filho de Iaçá. [...]

	Fonte. Disponível em: http://cenarioportugues.blogspot.com/2011/08/lenda-do-acai.html. Acesso em: 02 de jul. de 2023.

Nessa versão, há a inclusão de um fato anterior ao nascimento do filho de Iaçã (agora mencionado como menino), ou seja, duas crianças terem sido sacrificadas após nascerem, em cumprimento à ordem dada pelo chefe do grupo. Esse trecho aponta para a imparcialidade do líder da aldeia diante de uma decisão que o afetaria emocionalmente, porém, ele não tratou sua família com nepotismo. No discurso de Itaki, observamos a percepção de mundo do povo

ISBN 978-65-87128-14-6

tupi, pois eles fazem alusão ao tempo por intermédio do ciclo lunar, fase importante nas atividades agrícolas, na pesca e na caça, quando justifica: "- Muitas luas atrás, eu decretei que toda e qualquer criança que nascesse na tribo morreria" (linha 8) da Narrativa "B". Encontramos mais uma vez alusão às fases lunares nas (linhas 10 – 12)) da Narrativa "A" no seguinte registro: "foi numa noite de lua que Iaçã ouve um choro de criança, após ter implorado para o deus Tupã, que desse uma solução para seu pai, que não envolvesse o sacrifício de crianças." Essa tradição cultural/ancestral é comprovada por diversos estudiosos, dentre eles, destacamos Afonso (2009):

> Além da orientação geográfica, um dos principais objetivos práticos da astronomia indígena era sua utilização na agricultura. Os indígenas associavam as estações do ano e as fases da Lua com a biodiversidade local, para determinarem a época de plantio e da colheita, bem como para a melhoria da produção e o controle natural das pragas. Eles consideram que a melhor época para certas atividades, tais como, a caça, o plantio e o corte de madeira, é perto da lua nova, pois perto da lua cheia os animais se tornam mais agitados devido ao aumento de luminosidade, por

ISBN 978-65-87128-14-6

> exemplo, a incidência dos percevejos que atacam a lavoura (Afonso, 2009, p. 2).

Aproveitamos a menção da Narrativa "A" à Tupã (linha 9), para destacá-lo como deus dos índios tupis (deus do trovão) 'criado pela Literatura de Catequese do século XVI como nome imposto' segundo Cascudo (2005, p. 882), corroborando com a definição já citada do Dicionário Houaiss que dentre os elementos que definem cultura está 'um conjunto de padrões de crenças que distinguem um grupo social'. Trata-se, segundo (CANCLINI, [1989] 2015) já citado na subseção 1.1 do Estado da Arte, que os processos de hibridização cultural estão na 'desterritorialização e articulação entre cultura e poder', neste caso, na dominação jesuítica. Nas (linhas 07 - 09), inicialmente, percebemos uma faceta da cultura universal que é o isolamento diante da perda de um ente querido, quando destaca que por vários dias Iaçã não saía de sua tenda. Nesse período, ela ora ao deus indígena Tupã para 'que mostre ao seu pai outra maneira de ajudar o povo, sem ter que sacrificar as pobres crianças'. Esse pedido foi atendido em função do elemento temporal "depois disso", apontando para o fato de Iaçã ver a filhinha aparecer e desaparecer, o que a deixou inconsolável até desfalecer. As (linhas 15-18) encaminham para o elemento transformativo da narrativa, isto é, os indígenas encontram Iaçã morta com fisionomia de felicidade olhando para o fruto do açaí, como indicativo de que a solução para falta de alimentos foi

ISBN 978-65-87128-14-6

encontrada. Esse evento é ratificado nas (linhas 17 - 20) momento em que o cacique Itaki ordena que peguem os frutos e façam um suco, que batizaram de açaí, o nome de Iaçã invertido. Também de acordo com o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani *(online)*: "Fruta que chora – fruta de onde sai líquido – coquinho pequeno amarronzado, que dá em cachos no açaizeiro (palmeira com o tronco de pequeno diâmetro e folhas finas, que também produz palmito)". A narrativa se encerra (linhas 20 – 21) com o açaí significando a solução para a fome, bem como o término do sacrifício de crianças.

Tradição oral

O açaí é um fruto apreciado em todo território nacional e consumido de diferentes formas. Tradicionalmente, privilegia-se a produção do Pará, embora seja símbolo da região amazônica, comercializado no mercado nacional e internacional. Na narrativa do Açaí vimos uma versão na forma do 'pensamento narrativo' para seu aparecimento, que vai ao encontro do fruto como fonte de sobrevivência, que perdura até hoje. Isso é ratificado no trabalho científico escrito por Farias & Brito:

> Neste cenário da formação do território e territorialidade ribeirinha está a dinâmica que gira em torno da cultura do açaí, fruta que representa para as populações amazônicas o alimento

ISBN 978-65-87128-14-6

> indispensável para a sobrevivência dos diversos grupos sociais em que foi agregada ao cotidiano familiar. Portanto, o açaí constitui a cultura real e simbólica, está presente na base socioeconômica e alimentar e na criação de lendas, fábulas, músicas, danças folclóricas, festivais gastronômicos e mitos. Assim, faz parte da história e da identidade do povo amazônico, ou seja, da territorialidade. Uma das lendas mais representativas do açaí é a do povo *Itaki (Farias & Brito, 2022, s/p).*

Com base no trecho acima, retomamos à subseção 1.2 do Estado da Arte no qual (VANSINA, 1982, p. 158) afirma 'que a oralidade é reflexo da representação coletiva e que o valor maior das tradições reside em sua explicação das mudanças históricas no interior de uma civilização'. No caso do texto em análise, o fruto do açaí proporciona uma mudança histórica para o povo Tupi.

Narrativa

Conforme destacamos na subseção 1.3 do ESTADO DA ARTE, as narrativas são fenômenos que servem a propósitos diversos e dela podemos extrair fatores estruturais e elementos culturais. No tocante aos fatores estruturais Labov (1997) classifica uma

ISBN 978-65-87128-14-6

narrativa em: Resumo (sentença inicial que relata uma sequência de eventos da narrativa); Orientação (dá informação sobre o tempo, lugar dos eventos da narrativa, a identidade dos participantes e seu comportamento social); Ação complicadora (sentença sequencial que relata um evento seguinte como resposta a uma questão potencial " [então] o que aconteceu?"); Implicação (todas as sentenças sequências são sentenças de ação complicadora e todas as sentenças de ação complicadora são sentenças sequenciais); Coda (é uma sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo uma questão potencial "E, então, o que a*conteceu?").* No quadro abaixo, organizamos as sentenças estruturais do *corpus* que é validada por suas sequências estruturais, aproximando linguagem e vida social.

ESTÁGIOS	LENDA DO AÇAÍ
Orientação	Antes de existir a cidade de Belém, capital do estado do Pará na Amazônia, uma tribo muito numerosa ocupava aquela região. Os alimentos eram escassos e a vida tornava-se cada dia mais difícil com a necessidade de alimentar os índios da tribo.
Avaliação	Foi aí que o cacique da tribo, chamado de Itaki tomou uma decisão muito cruel.
Complicação	Ele resolveu que a partir daquele dia todas as crianças que nascessem seriam sacrificadas para evitar o aumento de índios da sua tribo.
Complicação	Um dia, no entanto, a filha do cacique, que tinha o nome de Iaçã, deu à luz uma linda menina, que também teve de ser sacrificada.
Implicação	Iaçã ficou desesperada e todas as noites chorava de saudades de sua filhinha. Durante vários dias, a filha do cacique não saiu de sua tenda.
Resolução	Em oração, pediu a Tupã que mostrasse ao seu pai uma outra maneira de ajudar seu povo, sem ter que sacrificar

ISBN 978-65-87128-14-6

	as pobres crianças. Depois disso, numa noite de lua, Iaçã ouviu um choro de criança. Aproximou-se da porta de sua oca e viu sua filhinha sorridente, ao pé de uma esbelta palmeira. Ficou espantada com a visão, mas logo depois, lançou-se em direção à filha, abraçando-a. Mas, misteriosamente, a menina desapareceu. Iaçã ficou inconsolável e chorou muito até desfalecer. No dia seguinte seu corpo foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira. No rosto de Iaçã havia um sorriso de felicidade e seus olhos negros fitavam o alto da palmeira, que estava carregada de frutinhos escuros.
Coda	O cacique Itaki então, mandou que apanhassem os frutos em alguidar de madeira, o qual amassaram e obtiveram um vinho avermelhado que foi batizado de **açaí**, em homenagem a Iaçã (invertido é igual a açaí). Com o açaí, o cacique alimentou seu povo e, a partir deste dia, suspendeu sua ordem de sacrificar as crianças, mas de respeito pela vida.

No quadro acima encontramos os estágios propostos por Labov & Waletsky (1997). O primeiro estágio, orientação, que objetiva orientar o ouvinte com uma contextualização da narrativa: tempo (nos arremete para antes de 1616, ano que foi fundada a cidade de Belém); lugar (Pará na Amazônia)); identificação dos participantes (uma aldeia Tupi muito numerosa que ocupava a região) e comportamento social (a dificuldade para alimentar os membros da aldeia devido à escassez de alimentos). Segundo estágio, avaliação, a posição do narrador diante da narrativa (descreve como 'muito cruel' a decisão do cacique da tribo Itaki), conforme Trindade (2010, p. 83): "[...] mostra a atitude do narrador para com a narrativa. Em geral, a avaliação é expressa em comentários, opiniões, reflexões e ponderações acerca

ISBN 978-65-87128-14-6

dos acontecimentos". Terceiro estágio, complicação, segundo Trindade (2010, p. 82) é a parte principal da narrativa, onde haverá o desequilíbrio, que torna a narrativa interessante de ser ouvida; de acordo com o quadro acima, podemos identificar dois momentos: 1. O decreto para que sacrificassem os recém-nascidos, 2. Iaçã, que é filha do cacique, fica grávida, tem uma linda bebê que tem de ser sacrificada. Em seguida, temos o estágio da Resolução, como foi resolvida a complicação, que na Narrativa "A" é marcada pelo desfalecimento de Iaçã abraçada na árvore do fruto que alimentaria a aldeia. O último estágio é a Coda, que apresenta sentenças de conclusão da narrativa, no texto analisado é introduzido pela palavra 'então' como parte da expressão: "O cacique Itaki então...". Esses estágios estruturais da 'Lenda do açaí' a enquadram em Labov (1997, p. 2), 'uma narrativa é o protótipo, talvez o único exemplo, de um evento de fala bem formado, com um começo, um meio e um fim.'

Ainda sobre o referencial teórico das narrativas orais na subseção 1.3, encontramos no texto 'Lenda do açaí' elementos narrativos como construção da realidade conforme Bruner (1991). Dentre as dez características formuladas pelo teórico, exemplificamos com duas delas, como os 'princípios operativos' do pensamento narrativo foram organizados para descrever através da verossimilhança a origem do açaí. Diacronicidade narrativa (organização da narrativa em uma sequência de ações ascendentes): contextualização da escassez de alimentos; solução encontrada pelo líder da aldeia; fatores agravantes da

ISBN 978-65-87128-14-6

sua decisão; resultado inesperado e solução do problema. Canonicidade e violação (expectativa ou um padrão social violado): a dificuldade com a falta de alimentos é recorrente em narrativas da Tradição Oral e até mesmo na História secular, não obstante, dentro de um cânone, espera-se que uma criança ao nascer seja motivo de alegria e tratada com muito carinho e amor pelos pais, no entanto nas linhas (4 – 6) essa expectativa é violada/quebrada pelo decreto do cacique de que todos bebês nascidos a partir dali deveriam ser sacrificados, para conter o aumento da aldeia. Embora o pensamento narrativo não seja científico (paradigmático), no *corpus* em estudo, através de uma narrativa verossimilhante encontramos a origem de um fruto que até hoje é representativo de sobrevivência para muitos ribeirinhos na Amazônia.

Conforme foi informado na Introdução, a metodologia deste trabalho privilegia como método focal a pesquisa narrativa acerca do qual estariam voltadas nossas atenções analíticas, comparativas, descritivas, explicativas, etnolinguísticas e hermenêuticas. Ancorados em (Bruner 1991), antecipamos que nos estudos dos teóricos narratológicos a narrativa seria analisada pela 'verossimilhança', pela ligação, pelo nexo ou harmonia, pela coerência (e não pela exatidão) entre fatos ou ideias, dado que os elementos ali presentes são determinantes no texto, o que a difere, essencialmente, do pensamento científico ou paradigmático.

Não obstante, nesta variante analisada hermeneuticamente, Narrativa "A", encontramos

ISBN 978-65-87128-14-6

amparo também no pensamento paradigmático (científico) no que concerne às propriedades nutricionais do açaí, uma vez que, de fato, elas podem resolver o problema da fome, conforme as considerações, a título de exemplo, no artigo intitulado *Valor nutricional da polpa de açaí*, de autoria de Ellen Mayra da Silva Menezes; Amanda Thiele Torres & Armando Ubirajara Sabaa Srur (2008), que afirmam:

> O consumo dessa polpa, rica em lipídeos essenciais e de boa qualidade nutricional, e em certos minerais como o cálcio e o potássio podem contribuir para garantir o crescimento e bom funcionamento do corpo humano em geral, uma vez que esses nutrientes participam de várias reações metabólicas importantes no organismo. (Menezes, Torres e Srur, 2008 – página 314).

Também destacamos o artigo intitulado *Efeitos benéficos do açaí*, José Alexandre Portinho, Lívia Maria Zimmermann & Mírian Rotnes Bruck (2012), segundo os quais:

> O açaí como alimento funcional possui efeito antioxidante representado principalmente pelas antocianinas, efeito energético

ISBN 978-65-87128-14-6

> pela fração lipídica, além benefícios representados por outros componentes nutricionais. Apresenta efeitos benéficos a saúde como antioxidante, anti-inflamatório, imunomodulador, melhora da dislipidemia, da diabetes tipo 2, da síndrome metabólica, do câncer, além de efeito antienvelhecimento (Portinho, Zimmermann & Bruck, 2012, p. 18).

Por fim, observamos através da própria 'orientação' do texto em estudo o momento histórico em que a narrativa foi produzida, como representação coletiva encontrada em Vansina (1982) por um povo originário para conceber o surgimento do fruto que até hoje é representativo da região Amazônica – o Açaí.

Considerações finais

O objeto de estudo deste artigo foi a narrativa conhecida como 'Lenda do açaí" oriunda da tradição oral/escrita de um agrupamento indígena (Tupi) localizado no estado do Pará, que remonta aproximadamente ao século XVI, apresentada na versão escrita. O objetivo foi explorar e relacionar as especificidades contidas nessa narrativa e dela extrair os traços culturais, tradicionais e narrativos no tocante à tradição do próprio consumo do açaí, fruto tão

ISBN 978-65-87128-14-6

presente não só no estado do Pará, mas em toda a região amazônica, com o contexto socioeconômico de algumas regiões ribeirinhas, ratificado no fator-raiz da narrativa.

Apesar do alimento ser considerado símbolo cultural na região norte, muitos desconhecem a narrativa que é cercada de detalhes e verossimilhança com a situação socioeconômica e o arranjo produtivo local de diversas comunidades do território amazônico. No momento em que este trabalho analisa a narrativa, de forma científica, dentro da ótica dos textos de tradição oral/escrita, pode proporcionar uma exposição de elementos culturais, narrativos e tradicionais submersos no texto 'Lenda do açaí" e conduzir a reflexões de como esse fruto se tornou uma Tradição de consumo extrapolando a narrativa.

Por fim, no plano narratológico, a Narrativa do açaí está repleta de elementos culturais, tradicionais e narrativos. A Narrativa variante "B", que analisamos em apenas um trecho, está repleta de traços não constantes na versão da Narrativa "A", examinada como *corpus*, que proporcionaria uma riqueza de estudos. Também, uma interpretação hermenêutica na comparação das duas versões, certamente, geraria uma fonte significativa de pesquisa. Dessa forma, nos estudos narratológicos, as narrativas da tradição oral escritas apontam para inesgotáveis fontes de pesquisas científicas.

Referências:

A LENDA do Açaí. [*S. l.*]: Redação, 22 ago. 2011. Disponível em:

ISBN 978-65-87128-14-6

http://cenarioportugues.blogspot.com/2011/08/lenda-do-acai.html. Acesso em: 02 de jul. 2023.

AÇAÍ. [*S. l.*]: Dicionário Ilustrado Tupi Guarani, 2 maio 2016. Verbete - açaí. Disponível em: https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/acai/ . Acesso em: 02 de jul. 2023.

AFONSO, Germano Bruno. **Astronomia indígena**. Reunião anual da SBPC, v. 61, p. 1-5, 2009.
ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, [1998] 1999.

BARIANI, W. O. **A morte do mapinguari**. Porto Velho/RO: Ed. do Autor, 2012.

BARTHES *et. al*. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, [1981] 2011.

BOOTH, W. C. *et al*. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRUNER, J. **A construção narrativa da realidade**/*The narrative construction of reality*. *Critical Inquiry*, n. 18. v. 1, pp. 1-21, 1991.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ISBN 978-65-87128-14-6

BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis:** Dois modos de pensamento. Porto Alegre: Artes Médicas, [1996, 1997] 1998.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, [1989] 2015.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Ediouro, 2005.

CASTELLS, M. ***La Cuestión Urbana***. México, Siglo XXI, 1973.

DAY, R. A. **Como escrever e publicar um artigo científico**. São Paulo: Santos, [1979] 2001. Disponível em: https://*independent*.academia.edu/valdirvegini. Acesso em: 02 de mar. 2022.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAÏSS. Versão monousuário 3.O. Copyright@institutoantoniohouaîs. Produzido e distribuído por Editora Objetiva Ltda. [2001] 2009.

FARIAS, Rosana Torrinha Silva de; BRITO, Daguinete Maria Chaves. O açaí no contexto do território e da territorialidade ribeirinha na Amazônia brasileira. Confins. **Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasilera de geografia**, n. 54, 2022.

ISBN 978-65-87128-14-6

FERREIRA NETTO, W. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: elaboração e formatação; explicitação das normas da ABNT. Porto Alegre: s.n., [1993] 2008.

GELLNER, E. El arado, **la espada y el livro**: la sctructura de la historia humana. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, [1987, 1996] 2010.

HALL. S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, ([1992] 2006)

LABOV, W. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. *The Journal of Narrative andLife History* Volume 7, 1997 Numbers 1-4; Disponível em: http://www. ling.upenn. edu/~wlabov/sfs.ht. Acesso em: 04 de mar. 2022.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. São Paulo: Zahar, [1986] 2000.

LENDA do Açaí. [*S. l.*]: Redação, 23 set. 2020. Disponível em: https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-l/lenda-do-acai. Acesso em: 02 jul. de 2023.

ISBN 978-65-87128-14-6

LIMA BARRETO, E. R. **Etnolinguística**: pressupostos e tarefas. Revista Partes. São Paulo: 2010.

MENEZES, Ellen Mayra da Silva; TORRES, Amanda Thiele; SABAA SRUR, Armando Ubirajara. Valor nutricional da polpa de açaí (Euterpe oleracea Mart) liofilizada. **Acta amazônica**, v. 38, p. 311-316, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, [2000] 2002.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, **Monografias, Dissertações e Teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**: parte I, II e apêndices. São Paulo: Cultrix, [1959] 2007.

PORTINHO, José Alexandre; ZIMMERMANN, Livia Maria; BRUCK, Mirian Rotnes. Efeitos benéficos do açaí. **International journal of nutrology**, v. 5, n. 01, p. 015-020, 2012.

SILVA, A. B. A. **A civilização indígena do Urupês**. Roma: Libreria Anteneo Salesiano, 1977.

TRINDADE, Zélia do Socorro Pinto. **A lenda do Açaí recontada por alunos do ensino fundamental**: a

ISBN 978-65-87128-14-6

macro-organização textual e as escolhas léxico-gramaticais coesivas e avaliativas sob a ótica da perspectiva sistêmico-funcional. 2010.

VANSINA, Jean. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África**, Volume 1 - metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982.

VEGINI & VEGINI, O **'Pai da Mata'**: uma narrativa da tradição oral cujubiniana. Rer. Igarapé, Porto Velho (RO), v. 5, n. 2, p. 265-286, 2018.

VEGINI *et al*. **O monstruoso mapinguari pan-amazônico**. Porto Velho: Temática, 2014.

VEGINI, V.; VEGINI, R. L. **Proposta metodológica para elaboração de projetos de pesquisa**. Porto Velho/RO: Edufro, 2013.

WELLER, W. **A hermenêutica como método empírico de investigação**. Brasília: UnB. Disponível em: https://www.anped.org.br/biblioteca/item/hermeneutica-como-metodo-empirico-de-investigacao. Acesso em: 30 de jun. de 2023.

ISBN 978-65-87128-14-6

Capítulo 3

A HISTÓRIA DO JOGO INFANTIL: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS E SUAS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Leila Cristina Gonçalves [13]

Introdução

Este artigo tem o objetivo de conhecer e analisar o significado da importância do jogo no desenvolvimento cognitivo infantil.

Várias teorias abordam esta questão, dentre elas destacam as idéias de Wallon, Piaget e Vygotsky, os quais defendem suas metodologias acerca do jogo, colaborando para elucidar este estudo.

O tema foi escolhido devido à falta de informação e conhecimento de assunto, por parte dos pais e mestres. Uma grande parte das nossas escolas ignora o valor do jogo como recurso didático em sua prática pedagógica na sala de aula, muitas vezes por falta de conhecimento e interesse.

[13] Licenciatura em Pedagogia – PUC GOIÁS; Pós-graduação em Educação – Formação de Professores - PUC GOIÁS; Pós graduação em Educação – Educação Especial e Inclusiva – Faculdade Suldamérica - Goiás; Pós graduação em Educação – Educação Infantil , Alfabetização e Letramento – FABEC Brasil; Pós-graduação em Educação – Gestão Escolar com Ênfase em Coordenação Pedagógica – FABEC Brasil; Mestrado em Educação – USDB

ISBN 978-65-87128-14-6

Esse artigo pretende através de sua pesquisa mostrar a relevância do lúdico para a pedagogia, resgatando a sua historicidade até a atualidade, contribuindo para que se descubram maneiras eficazes de sua aplicação em sala de aula, tornando o ensino – aprendizagem mais prazerosa e eficiente.

É necessário um estudo sistemático do jogo para a sua execução. Seu papel, sua importância e sua contribuição para o desenvolvimento mental, social e psicomotor da criança, influenciando na formação de sua personalidade.

Este trabalho é dividido em dois capítulos, onde estão inseridas algumas considerações sobre o jogo.

O primeiro capítulo resgata a trajetória do jogo desde a antiguidade até a idade contemporânea. Destaca – se ainda os conceitos e classificação sob o ponto de vista de Wallon, Piaget e Vygotsky.

No segundo capítulo é aborda – se a importância dos jogos no desenvolvimento da criança através das idéias dos autores citados anteriormente. Enfatiza – se ainda exemplos de tipos jogos de acordo com a visão de Nicanor Miranda.

A metodologia utilizada neste trabalho constitui na leitura crítica da bibliografia dos temas que abordam essas temáticas e, na pesquisa das diferentes concepções teóricas do uso e importância dos jogos no desenvolvimento infantil.

ISBN 978-65-87128-14-6

HISTÓRIA DO JOGO INFANTIL

Os jogos bem como as atividades e técnicas recreativas, foram sempre ignoradas pela escola tradicional como recurso didático, pois a partir de sua visão pedagógica, estão desconexadas de significado funcional e caracterizados como passatempo, bagunça, etc. Como o passar dos tempos, novas correntes pedagógicas vão enfatizar a importância e a influência do jogo no processo de ensino a aprendizagem, resgatando o seu papel desde a antiguidade até a idade contemporânea.

Segundo Marrou (1973:225) "a criança na tradição grega como a criança ocidental moderna, entra no mundo da música de acalanto, na literatura, com os contos de amas – de – leite, cujas fábulas incluem personagens animais, bruxas, figuras temíveis e outros mitos e lendas.

No século IX A.C, os gregos homéricos eram um povo em grande parte analfabeto. O processo educativo tinha por base a tradição oral.

Na época homérica, o ensino formal não parece existir. O jovem aristocrata era educado pelo próprio pai, ou por alguém escolhido pelo mesmo.

O conteúdo de ensino era a retórica, a qual ensinava quando e como devia falar, a valentia e a arte militar quando devia agir.

Nota – se a presença e a valorização dos jogos na formação do jovem desde a infância até a fase adulta, pois o programa de estudos inclui: ginástica, a caça, poesia, música, uso de arco e flecha, etc. Tendo por objetivo principal a formação do jovem em

ISBN 978-65-87128-14-6

habilidades expressão, autocontrole, moderação no agir, distinção pessoal, etc.

Na Grécia destacam – se duas cidades que são de suma importância no processo educativo, o qual influenciou o mundo ocidental: Esparta e Atenas.

O processo educativo em Esparta é estritamente controlado pelas autoridades políticas, pois as crianças nascem e são criadas para o serviço do Estado. Aos sete anos de idade, o menino é entregue aos cuidados da Escola Oficial do Estado, aonde todo ensino que receber será destinado a formar o soldado valente. Na escola, os exercícios comuns são: a corrida, o salto, a caça, a natação, luta livre, e outros. O objetivo de tal formação é embrutecer ao máximo o jovem aspirante.

Os jogos assumem nessa sociedade a função de formar nos jovens uma massa muscular de forma a modelar o corpo de um atleta.

Em Atenas as crianças as crianças também são educadas pelo Estado. Aos sete anos, os filhos são entregues aos cuidados de um pedagogo. Todo cidadão Ateniense livre enviava o filho a três tipos de escola elementar: a escola de Palestra ou Escola de Ginástica, a Escola de Música e a Escola de Escrita.

Na Escola Palestra o instrutor devia desenvolver no menino a graça, a harmonia e o estilo por meio de exercícios físicos. O programa de ensino consistia na corrida, no salto, na dança, na natação, etc.

Porém, sofre grandes transformações sócias – políticas – culturais sob regime de Péricles (461 – 492

ISBN 978-65-87128-14-6

a.c), contribuindo para o crescimento e desenvolvimento global do jovem ateniense.

Conforme o que foi mencionado anteriormente nota – se que Esparta no seu processo educativo busca a formação do patriota guerreiro. Enquanto em Atenas a formação do homem livre. Ambas as cidades mencionam a importância dos jogos na formação da criança até a juventude, para torna – lo e formá – lo como um sujeito ativo, forte e atuante na sociedade.

A educação romana passa por três fases:

- A educação heróica – patrícia: Os patrícios são proprietários rurais e guerreiros. Aos sete anos a educação do menino é liderada pelo pai e as meninas se limitam a aprenderem os serviços domésticos. O menino aprende a ler, escrever e contar; a lidar com a terra(trabalho). Destacam – se exercícios físicos como: a natação, a luta, o manejo de armas e a equitação. O objetivo principal desses exercícios é a preparação do guerreiro.
- A educação Cosmopolita: Ocorre o surgimento das escolas elementares particulares, ludi magister ("ludus", ludis, "jogo", divertimento, Magister, " Mestre"). Cuja função era ensinar

ISBN 978-65-87128-14-6

a criança a ler, a escrever e a contar dos sete aos doze anos de idade. A educação física é caracterizada mais por interesse as artes marciais.

- A educação no império: Houve grande intervenção do Estado na educação, assegurando à população uma educação pública. Os principais representantes são: Cícero, Quintiliano, Sêneca, etc.

Destacam – se as escolas ligadas às catedrais, na qual eram voltadas exclusivamente para a formação dos clérigos, porém, com o avanço do comércio, há grande necessidade de se aprender a ler, escrever e calcular, surgindo à escola leiga.

A educação surge como instrumento de salvação da alma e da vida eterna. Enfatizam a reflexão de textos sagrados, combate a heresia, a conversão de infiéis, etc.

Durante a Idade Média o pensamento da igreja condena a vaidade e a luxuria como pecados ligados à exposição do corpo. Assim, jogos que desenvolviam as formas musculares eram desprezados. Portanto, predomina uma visão teocêntrica que tem em Deus o fundamento de toda ação pedagógica e a finalidade da formação do cristão.

ISBN 978-65-87128-14-6

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NODESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A partir do século XVII destacam as idéias iluministas e é conhecido como "Século das Luzes", o qual significa "o poder da razão humana de interpretar e reorganizar o mundo" (Aranha, 1991:151).

Neste século "Rouseau" coloca a criança no centro dos interesses pedagógicos. Enfatizava que "a criança, não é um adulto em miniatura". (Aranha, 1991:157). Para Rousseau a educação era natural, ou seja, respeitando a natureza e a vocação humana.

Neste século "Rousseau" coloca a criança no centro dos interesses pedagógicos. Enfatizava que "a criança, não é um adulto em miniatura". (Aranha, 1991:157). Para Rousseau a educação era natural, ou seja, respeitando a natureza e a vocação humana.

É preciso educar a criança a partir dos seus interesses naturais e não permitir a que ela faça algo por constrangimento exterior e artificial. (Aranha, 1991: 157).

A criança tem sua própria visão do mundo, pois é bastante ativa. Rousseau destaca que "em todos os jogos em que estão persuadidas de que se trata apenas de jogo, as crianças sofrem sem se derramar torrentes de lágrimas". (Aranha. 1991:158).

No inicio do século XIX há maiores preocupações com a educação e a necessidade de se preparar a criança para a vida em sociedade. Através da psicologia a educação busca entender a criança e a melhor a pedagogia.

ISBN 978-65-87128-14-6

Destacam – se os pedagogos Pestalozzi, Froebel e outros.

Para Pestalozzi, "O jogo é um fator decisivo que enriquece o senso de responsabilidade e fortifica as normas de cooperação". Por meio da psicologia ele observa o comportamento e o desenvolvimento da criança de maneira total. Pestalozzi abriu um novo rumo a educação moderna.

Froebel, discípulo de Pestalozzi fortaleceu os métodos lúdicos na educação. Para Froebel, "a educação mais eficiente é aquela que proporciona, auto – expressão e participação social às crianças". Ele destaca que o papel do professor é estimular a criança.

Sua principal contribuição foi a atenção para com as crianças ainda antes do ensino elementar, ou seja, a educação da primeira infância. Ele foi o pioneiro a fundar os "KIndergardens" (Jardins de infância). Portanto, "Froebel" valoriza todo o que promova " o desenvolvimento da criança, como atividades lúdicas por perceber o significado funcional do jogo o desenvolvimento sensório – motor". (Aranha, 1991:185 – 186).

A partir de meados do século XIX e XX o estudo cientifico do jogo ganha novas dimensões. Surgem teorias que dão destaque a esta atividade com enfoques variados e, em curtos casos, bem divergentes.

"As escolas novas do século XX valorizam os jogos, os exercícios físicos, as praticas de desenvolvimento da motricidade e da percepção que estimulem as mais diversas habilidades. Também se voltam para a compreensão da natureza psicológica da criança, e daí, a busca de métodos que estimulem o

ISBN 978-65-87128-14-6

interesse sem cercear a espontaneidade". (Aranha, 1991:204).

Destacam-se grandes teóricos com idéias inovadoras que muito contribuíram e foram adotados como modelos de uma Pedagogia Progressista, através de suas teses comprovadas acerca do desenvolvimento global de criança, destacando os jogos como uma estratégia importante e prazerosa no processo de formação educacional da criança.

Dentre eles estão: Wallon, Piaget e Vygotsky.

A concepção do jogo em Wallon é caracterizada por meio da fusão entre o desenvolvimento biológico e social da criança. Para ele a imitação é a regra do jogo e a criança faz explorações de seu próprio corpo, quando simboliza e simula ações, experiências vivenciadas no seu cotidiano, por exemplo: brincar de mamãe e papai, professora etc. Os jogos são classificados em:

- Jogos funcionais: buscam afeto;
- Jogos de ficção: representação;
- Jogos de aquisição: Compreensão;
- Jogos de fabricação: combinar, transformar e criar novos objetos. (Negrine, 1994:53).

Conforme Piaget o jogo é uma estratégia, que tem grande influência no desenvolvimento cognitivo

ISBN 978-65-87128-14-6

da criança, pois para ele: "os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência humana". (Almeida, 1974:12).

A Classificação do jogo está interligado ao grau de complexidade mental. Ele verificou que há três tipos de estrutura que caracterizam os jogos: O exercício, o símbolo e a regra.

No entanto "o jogo é, sob suas duas formas essenciais de exercício, sensório – motor e do simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta sem alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu". (Almeida, 1974:20).

O jogo é distribuído em três grandes categorias, cada uma delas corresponde a um tipo de estrutura mental.

- Jogo de exercício sensório – motor;
- Jogo simbólico;
- Jogo de regras.

Conforme Vygostsky o desenvolvimento da criança por meio de jogos é independente de fases e classificações. Pois, "entende que surgimento de um mundo imaginário é que define o jogo". (Negrine, 1994:53). Ou seja, a criança imagina; e ao imaginar, joga.

ISBN 978-65-87128-14-6

Para Vygotsky o jogo não é apenas sinônimo de prazer, é muito mais do que isto, é uma necessidade de criar, simbolizar e completar o seu desenvolvimento integral.

A criança avança através da atividade lúdica, criando zonas de desenvolvimento proximal, na qual ainda não amadureceram, mas se encontram em processo. (Negrine, , 1994:53).

A zona de desenvolvimento proximal define-se com algo que a criança consegue realizar sozinha, independente da ajuda do outro.

Outro aspecto destacável do pensamento de Vygotsky sobre o jogo refere – se à pré – história da linguagem.

Dá ênfase aos gestos e signos visuais no desenvolvimento do simbolismo no jogo e no desenvolvimento do desenho como elementos importantes na escrita da criança. (Negrine, 1994: 49).

No geral, pode – se observar na evolução da educação a importância dos jogos como passar dos tempos. Nesse processo a criança sempre aparece interligada às ações lúdicas e formais, na qual expressará consciente e inconsciente seus desejos, alegrias, frustrações e a buscas do novo, isto é, o conhecimento e o desenvolvimento físico, psíquico e global.

ISBN 978-65-87128-14-6

CARACTERÍSTICA E CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS INFANTIS

O jogo é essencial na vida da criança, pois a infância serve para divertir, brincar e imitar. Não pode imaginar a infância sem risos e brincadeiras, porque é meio do jogo e brinquedos, que a criança cresce e desenvolve a alma e a inteligência.

Jogar é uma atividade natural do ser humano. O ser humano apresenta uma tendência lúdica.

Para o psicólogo Henri Wallon, "O jogo para as crianças é a expansão e nesse sentido, se opõe a atividade que seja um trabalho". (Negrini, 1994:29). O jogo possui caráter desinteressado a uma atividade característica da criança, sendo uma etapa da sua evolução total, a qual se apresenta e se dividem em períodos sucessivos, como: jogos de ficção, jogos de aquisição e jogos de fabricação.

Os jogos funcionais relacionam – se as atividades que procuram efeito. Sua principal importância é preparar a utilização ajustada cada vez mais apropriada e mais diversa dos gestos. São todos aqueles movimentos simples como balançar a cabeça, estender e dobrar os braços e pernas, agitar os dedos, sorrir, etc.Neste contexto, o objetivo de estudo é o próprio corpo da criança, até que se descubra o outro. Ele busca o afeto.

Nos jogos de ficção a criança exercita a sua imaginação, consistindo em atividades cuja interpretação é a mais ampla e mais próxima a certas definições variadas. São os jogos da criação da fantasia, do faz – de – conta, por exemplo: Montar um cabo de

ISBN 978-65-87128-14-6

vassoura como se fosse um cavalo, brincar com uma peneira como se fosse um volante de carro, e outros. Ela executa ações significativas, reproduzindo papeis sociais interligados ao ludismo.

Já nos jogos de aquisição a criança faz relações com a capacidade de olhar e observar, escutar e realizar esforços para perceber e compreender, o mundo que está em volta. Por exemplo: canções, relatos, coisas e seres, imagens, etc.

Os jogos de fabricação possuem relações com os jogos de ficção e aquisição, pois para a criança criar, transformar e modificar objetos ela precisa ter imaginação.

Estes jogos se resumem em agrupar objetos, combinando – os e alterando a sua estrutura a fim de criar outros novos. Quando a criança cria o seu próprio objeto ela está desenvolvendo a inteligência, adquirindo novos conhecimentos e sensações.

Para Wallon a imitação, a regra do jogo e a "busca de reciprocidade é uma característica constante da evolução psíquica da criança.".(Negrine, 1994:31).

O estudo do psíquico da criança destaca que a atividade mental evolui de sistema em sistema e possuem fatores de ordem biológicos (genótipo) que são os aspectos biológicos da espécie e ordem social, o desenvolvimento do individuo. Para ele somente o fenótipo é acessível à observação, e, é aí, precisamente que o jogo acontece.

"Segundo Piaget ''O nascimento do jogo é analisado como a gênese da imitação". (Negrine, 1994:32). Isto é, o ato da inteligência estabelece

ISBN 978-65-87128-14-6

equilíbrio entre os processos de acomodação e assimilação, que há momentos de ascendência de uma sobre a outra. Por exemplo, quando a acomodação predomina sobre a assimilação pode ocorrer imitação. Quando a assimilação supera a acomodação podemos observar o jogo; notadamente no jogo ou brinquedo espontâneo.

Para Piaget, "O jogo constitui o pólo extremo da assimilação da realidade no ego, tendo relação com a imaginação criativa que será fonte de todo pensamento e raciocínio posterior". (Rosamilha,1979:59).

A classificação do jogo está interligado ao grau de complexidade mental. Ele observou que existem três tipos de estrutura e distribui – as em categoria de acordo com a estrutura mental correspondente:

- Jogo de exercício sensório – motor: refere – se a atividade de prazer funcional e não de representação. São atividades com valor exploratório, pois são realizados para explorar e exercitar os movimentos do próprio corpo, seu ritmo, seu desembaraço, bem como os efeitos que sua ação pode produzir.
- Os jogos simbólicos (de ficção, ou imaginação e de imitação): São as representações de um objeto ausente ou de

ISBN 978-65-87128-14-6

simulação funcional. Ou seja, é a formação da imagem mental através do simbólico, o qual envolve a imitação, a imaginação e linguagem. O desenho, a linguagem oral e a escrita é uma forma de representação simbólica da realidade, pois a palavra funciona como símbolo, capaz de evocar objetos e eventos.

Para Piaget "o jogo é essencialmente uma forma de assimilação funcional ou reprodutiva. No jogo simbólico ele viu a existência de uma verdade subjetiva. O jogo de imaginação constitui, para ele, uma transposição simbólica que submete às coisas as atividades próprias, sem regras ou limitações". (Grube e Voneche, 1977:694).

- Nos jogos de regras há relações sociais e ou interindividuais: São jogos de combinações sensório – motoras ou intelectuais, regulamentados por regras previamente estabelecidas, que incentivam a cooperação e a competição entre os participantes. É um jogo que possui normas, na qual sua violação é considerada uma falta. Suas regras devem ser seguidas por todos os participantes. Para Piajet

ISBN 978-65-87128-14-6

> o jogo adquire regras com a socialização da criança.
>
> O jogo tem, sobre a criança, o poder de um exercitador universal: facilita tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas, intelectuais e morais. (Rosamilha, 1979:65).

Contudo Piaget declara que é por meio da experimentação e manipulação de coisas do ambiente que a criança descobre a possibilidade desse material, dando – lhe forma, de acordo com sua impressão e imaginação. No entanto, ela aprende a definir valores, a formar conceitos e fazer escolhas.

> Na atividade de jogo a inteligência sob todos os aspectos, é altamente estimulada e a própria linguagem torna – se mais rica, pela aquisição de novas forma de expressão. (Almeida, 1974:26).

Segundo Vygostsky "o jogo não é uma característica predominante da infância , e sim um fator básico de desenvolvimento, pois é no curso do jogo que a ação se subordina ao significado, e portanto, tudo que interessa a criança é a realidade do

ISBN 978-65-87128-14-6

jogo em si, porque na vida real a ação domina o significado". (Negrine, 1994:50).

Para Vygostsky a criança brinca sem saber que brinca, que jogo, obedecendo a alguma estrutura interna que ele chamou de " situação imaginaria" e esta envolve significações pois, ao pensar, atua, e neste caso joga, ocorrendo uma ação interna e externa que são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos realizados pela ação externa.

As situações imaginárias no jogo não são exemplos de atividade lúdica, mas uma característica do jogo em geral. Outra característica do jogo são as regras sem as quais não existiria o jogo.

E quanto mais rígidas se tornam as regras, mais o jogo exige da criança.De acordo com Vygostsky quando a criança aprende a dominar as regras , ela também aprende a subordinar seu comportamento e ter autocontrole. Por exemplo: duas irmãs de cinco e sete anos decidiram brincar "de irmãs". Encenando a propria realidade, elas tentavam exibir o comportamento típico de irmã, trabalhando de forma deliberada sobre as regras das relações entre irmãs. O que na vida real é natural e passa despercebida na brincadeira torna – se regra e contribui pra que a criança entenda o universo particular dos diversos papeis que desempenha.

> A criança é antes de tudo um ser feito para brincar. O jogo, eis ai um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a

ISBN 978-65-87128-14-6

> empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e menta. Usemos um pouco mais esse artifício. Coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo, de seus instintos naturais, aliados, e não inimigos." (Rosamilha, 1979:77).

O pensamento de wallon e vygostsky entende que "o jogo é produto social". (Negrine, 1994:52). Ou seja, o jogo, tanto aquele com regras fixas e definidas, quanto àqueles que se baseiam em situações imaginarias implicam sempre também uma situação de relações humanas. Os jogos podem, pois funcionar, dependendo da maneira como foram organizados e conduzidos como elemento constituidor e aglutinador de grupo. Neles, podem-se vivenciar papéis sociais, ocorrendo uma imensa troca de conhecimento e emoções. Os jogos em grupo são, portanto fundamentais tanto no desenvolvimento das funções psíquicas (memória, percepção...) quanto no desenvolvimento da linguagem e da personalidade como um todo.

A criança repete nos seus jogos as impressões que acaba de viver, ela reproduz e imita.Para as mais novas , a imitação é a regra dos jogos, a única que lhes é acessível, enquanto não puderam ultrapassar o modelo concreto, para atingir a ordem abstrata.

Para Vygotsky o desenvolvimento da criança está ligado aos processos de aprendizagem, pois a criança avança através de atividades lúdicas,

ISBN 978-65-87128-14-6

convertendo em "zonas de desenvolvimento proximal".

"A zona de desenvolvimento proximal significa a distancia entre o nível de desenvolvimento Real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento Potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de adulto ou em colaboração com o companheiro". (Vygotsky, 199:97).

Tanto pela criação da situação imaginaria, como pela distribuição de regras especificas, o brinquedo e os jogos criam uma zona de desenvolvimento proximal na criança, pois tem uma enorme influência em seu desenvolvimento.

Enfim tendo por bases as idéias apresentadas pelos autores pode – se chegar a conclusão de que os jogos são importantes como atividades na construção do saber,do conhecimento e na descoberta do mundo pela criança, desenvolvendo não só o cognitivo, mas também o processo de interação social de maneira lúdica e prazerosa.

Considerações finais

Através deste artigo, pode - se concluir que cada criança tem sua própria capacidade para brincar e jogar, fazendo fluir um pensamento criativo que está na sua individualidade e que repercute em todos os momentos da vida. É nessa visão que o jogo faz

ISBN 978-65-87128-14-6

presença desenvolvendo as potencialidades e os ritmos de cada uma.

Foi possível observar que toda criança sabe brincar e jogar sem compromisso, sem seriedade espontânea. O jogo acontece e influência o desenvolvimento intelectual, emocional e o corpo da criança, favorecendo ainda a socialização dela com o professor e como colegas de forma globalizada, para que no futuro sejam pessoas felizes e equilibradas emocionalmente.

De acordo com o que foi estudado a cerca da importância dos jogos na vida da criança ficou claro a sua função educacional, social e cultural, pois é jogando que a criança se socializa se educa passando essa pratica de geração a geração.

Dessa forma o profissional deve ter consciência da importância do jogo, utilizando – o como recurso pedagógico, de grande valor no desenvolvimento da criança.

Portanto um grande mérito decorrente do nosso estudo é poder, com sabedoria, com firmeza e segurança, usar o ludismo por meio de jogos, para trabalhar a internalizar na criança valores sociais, morais e culturais que contribuirá na sua formação como agente ativo e humano para a construção da nossa sociedade.

Referências:

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Dinâmica Lúdica**: Técnicas e Jogos Pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1974.

ISBN 978-65-87128-14-6

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 1 ª Ed., São Paulo. Moderna. 1991, 20- 194.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

NICANOR, Miranda. **200 Jogos Infantis**. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia, 1984.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é brinquedo**. 2 ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos).

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e da Aprendizagem Infantil**. São Paulo: 1979 3-97.

SEBER, Maria da Glória. **Uma Visão Construtivista**. São Paulo: Moderna, Cap. 4, 1995:52-65.

ISBN 978-65-87128-14-6

Capítulo 4

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NOS CONTOS AFRICANOS E BRASILEIROS: TEMPORALIDADE E ESPAÇO NAS OBRAS DE ROGÉRIO NGUNZA, MIA COUTO E MARCELO FERRONI

José Flávio da Paz [14]

Introdução

A mídia tem apresentado constantemente o fato de a natalidade brasileira ter diminuído nos últimos trinta anos. As famílias se transformaram e seus conceitos foram diluídos ou agregados às novas formações sociais. Acrescenta-se a este fato, a falta de preocupação social para com os idosos e os vários maus-tratos que estes sofrem, inclusive pelos seus familiares que por ignorância o desconhecem como seus primórdios e mesmo por medo e incapacidade de lidar com o idoso.

Após muitas lutas e, dado o aumento da expectativa devida do brasileiro, além do

[14] Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Vice-Coordenado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Pós-doutor em Educação (UniLogos/Estados Unidos); Pós-doutor em Psicologia (UFLO/Argentina); Doutor em Estudos Literários (Unemat); Mestre em Letras (Unimar); Mestre em Estudos Literários (UNIR); Especialista em Educação Inclusiva (UNICID); Graduado em Letras-UFSC. CV Lattes: https://lattes.cnpq.br/5717227670514288. E-mail: jfpaz@unir.br.

ISBN 978-65-87128-14-6

reconhecimento de que seremos uma sociedade de idosos daqui a mais uns trinta ou quarenta anos, a Presidente da República sanciona a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, embora tenham diminuído as caso de agressão, eles ainda existem das formas mais desumanas que se possam imaginar.

O Estatuto do Idoso, de conformidade com o que preceitua as Nações Unidas, estabeleceu que todos com idade superior a 60 anos seriam classificados como tal.

De certa maneira, considerando que a expectativa de vida aumentou, deveriam aumentar também as chances deste permanecerem ativos no mercado produtivo e não asilados e marginais como muitos se encontram na sociedade contemporânea.

Diante do exposto, visto que nossa temática é o olhar e a produção literária sobre o idoso nas obras africanas e brasileiras, embora não tenhamos como negar nossa condição política frente às inúmeras práticas sociais excludentes, tomaram-se como *corpus* três contos, cujas temáticas apresentam idosos em situações do cotidiano. Buscou-se ainda, realidades continentais diferentes para identificarmos possíveis peculiaridades textuais, intertextuais, semânticos, semióticos e/ou pragmáticos.

São, portanto, os contos "*O jacaré velho*", "*O odiado avô*" e o "*Repovoamento*" dos escritores Rosário Ngunza, Mia Couto e Marcelo Ferroni - angolano, moçambicano e brasileiro, respectivamente que serão analisados sob a ótica da teoria da recepção, da psicanálise e da teoria literária, embora não seja

ISBN 978-65-87128-14-6

nossa pretensão esgotar os estudos neste artigo, considerando que nosso recorte será a analise do tempo e do espaço em que estes acontecem.

Todavia, não há como esquecer as preocupações inerentes aos Estudos Literários e da Recepção em textos tão ricos e cheios de detalhes como estes que trabalharemos, ainda que por natureza o conto seja "um único e pleno episódio que configura em si diversas ações, visando uma unidade, um todo (...). Tudo é essencial na narração, o antes e o depois podem ser apenas sugestões, nunca fatos que mereçam desenvolvimento." BRASIL, 1973, p. 24.

Talvez por isto tenha sentido o interesse pela temática, uma vez que sempre houve crianças, jovens, adultos e idosos dialogando em tempos e locais diferentes durante toda Literatura e História humana. Possivelmente, conflitos ideológicos sempre existiram e, não creio que os dirimamos aqui, mas analisando o tempo presente poderemos construir novos significados existenciais.

Afinal, a Literatura existe para este fim, exatamente por si distinguir das demais artes e pela forma material que trabalha, ou seja, a palavra. Aquela que instiga, promovendo um registro ingênuo e descompromissado, além de transformar pessoal e/ou socialmente o leitor, através do caráter inter e multidisciplinar que a compõe. Logo, os textos que serão analisados, de certo modo se entrelaçam e dialogam entre si nos mais diversos momentos, contextos e situações artístico-cultural e literário.

ISBN 978-65-87128-14-6

QUEM SÃO OS AUTORES

O jovem escritor, *Rosário Ngunza*, pseudônimo de Edilson do Rosário Jorge nasceu em 1983 em Sumbe, Província do Kwanza-Sul em Angola. Reside na cidade de N'gunza. Estudou Teatro, Cinema e Gestão. Dirigiu o Coletivo de Artes Cênicas Picantes – Teatro. É membro do Clube de Amigos da Língua Portuguesa e professor de canto, teatro e dança no Colégio Leonardo da Vinci.

Trata-se, portanto, de um romancista da nova geração de escritores angolanos. No Brasil, seu surgimento se deu após as publicações dos contos "*O Jacaré Velho*", "*A Noite Tic-Tac*" e " *Maria Rapaz*", ambos publicados nos coletânea Cadernos Negros, em sua trigésima edição, no ano de 2007. Seus romances são de uma criatividade ímpar e espetacular e seu grupo de leitores cresce a cada nova publicação.

Mia Couto, pseudônimo do António Emílio Leite Couto, nasceu na Beira, Moçambique, em julho de 1955. Atuou como jornalista, estudou medicina e formou-se em biologia. Trabalhou em estudos sobre impacto ambiental. Em 1999 recebeu o prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto da obra e em 2007, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas. Autor de vários contos e romances. Do seu livro "O fio das missangas" utilizaremos o conto "o odiado avô" para os estudos compartivos.

Ainda sobre Mia Couto é correto afirmar que seja

ISBN 978-65-87128-14-6

> um dos escritores mais conhecidos e festejados da atual literatura em língua portuguesa, sendo ainda um autor – ao lado de outros – em que a regeneração dos valores culturais do moçambicano, destruídos pelo colonialismo europeu, passa por um contínuo exercício de subversão do português." (Silva *apud* Afolabi, 1997).

Marcelo Ferroni nasceu em São Paulo em junho de 1974 e atualmente reside no Rio de janeiro com sua esposa e um filho. Formado em Jornalismo, especializou-se nas áreas de ciências e cultura e passou pelas redações da Folha de São Paulo e da Editora Globo.

O livro "Dia dos Mortos", onde está publicado o conto "*Repovoamento*", objeto de estudo deste artigo foi seu primeiro livro de contos e, mais recentemente publicou "Método Prático da Guerrilha", um romance policial.

A VISÃO DO IDOSO NAS SOCIEDADES E NAS LITERATURAS AFRICANAS E BRASILEIRAS

A máxima difundida na África e, acredito que se aplique em grande parte daquele continente, incluindo os países luso-falantes é a ideia que Kofi Annan, quando Secretário Geral das Nações Unidas difundiu para todo o mundo de que

ISBN 978-65-87128-14-6

> Na África se diz, quando morre um ancião, que desaparece uma biblioteca. Talvez o provérbio varie de um continente a outro, mas seu significado é igualmente certo em qualquer cultura. As pessoas idosas são intermediárias entre o passado, o presente e o futuro. Sua sabedoria e experiência constituem verdadeiro vinculo vital para o desenvolvimento da sociedade. (Annan, 2002).

No Brasil, a alternativa foi criar o Estatuto do Idoso, como antes citado. Todavia em 04 de dezembro de 2013, o Parlamento Moçambicano aprovou uma lei que visa regular a promoção e proteção dos direitos das pessoas idosas. A lei responsabilizará civil e criminalmente a família, a comunidade e o Estado pela violação desses direitos, semelhante ao que dita o estatuto brasileiro.

Em Angola, embora não tenha uma legislação específica para o idoso, as seguradoras de previdência social administram as atuais reflexões neste sentido.

Considerando estas premissas, no Brasil, a Organização das Nações Unidas – OMS, através da Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS publicou em 2005 uma cartilha intitulada "Envelhecimento ativo: uma política de saúde" que favorece as reflexões sobre esta temática.

ISBN 978-65-87128-14-6

ASPECTOS CULTURAIS, TEXTOS E CONTEXTOS ANALÓGICOS E/OU HISTÓRICOS DOS CONTOS

No conto "*O jacaré velho*", o escritor apresenta o perfil, características físicas e espirituais, função e importância do personagem idoso na luta em prol da resistência de um povo e o legado que carregam consigo:

> Velho Bingui não tinha estudado e não conhecia a cidade (...), mas conhecia os segredos da natureza, sabia quando iria chover, nos nomes de todas as doenças e seus remédios.
> Quando alguém tinha um problema, ele sabia as palavras para o consolo e lutou sempre pela união das pessoas da aldeia.
> Era o soba[15] grande, que falava com os espíritos, que conhecia a terra para o cultivo, o nome do boi chefe e o faro do inimigo! Os dentes amarelos como seus olhos e pele cansada como de um elefante, os passos lentos escreviam na areia o que iria acontecer. Era misterioso o velho que metia medo às vezes o seu olhar feiticeiro...

[15] Grande mestre espiritual; grande líder comunitário; chefe maior da comunidade;

ISBN 978-65-87128-14-6

(...) era amado pelo seu povo, que sentia segurança no seu soba, as crianças aprenderam a chamá-lo:
- Avô Bingui.
À noite dançava com seu corpo cansado ao som de um batuque de morte, pedia que as doenças e todos os males abandonassem a aldeia, nunca o vimos chorar nem sorrir, vivia apenas cada dia sério e silencioso. Ele sabia os segredos dos tempos!
Falava com as árvores e os animais, até o dia que da sua cubata[16] não se levantou:
– Soba grande tava doente.
Não doença como as nossas; era o corpo que já não aguentava o espírito, o físico estava cansado (...). De manhã saiu da cubata lentamente e foi visitar seu povo de cubata em cubata (...). E no fim do dia, sob o olhar do povo, mergulhou no rio grande de onde jamais saiu. O povo chorou e sofreu. O tempo passou e as crianças cresceram, a guerra veio das cidades com homens armados em busca de terras e numa luta que o povo não conhecia (...). Com

[16] Casa; moradia

ISBN 978-65-87128-14-6

> armas de fogo, vieram para destruir a aldeia e fazer seus filhos escravos, o povo correu para a beira do rio, as cubatas queimadas e os soldados da aldeia morriam; contra a arma de fogo entregavam seus corpos negros. Quando uma gota de sangue caiu no rio, a água limpa começou a escurecer a cada aldeão morto; a terra do fundo do rio veio para cima com toda sua sujeira. Os soldados de armas nas mãos neutralizaram-se ao ver o grande jacaré preto que saiu do fundo do rio. As armas não faziam efeitos em sua pele murcha como a do elefante; os dentes amarelos mastigavam os homens de armas nas mãos. (...) Avó Bingui não estava morto, ele era o jacaré preto do rio." (Ngunza, 2007, p. 191 – 193).

A segunda obra, "O odiado avô" de Mia Couto apresenta um ambiente familiar que comemora a chegada de mais um membro. Mas o avô Zedmundo Constantino Constante" se recursa a visitar sua filha Glória no hospital, considerando que sempre negou a possibilidade de se tornar avô. Embora, Glória desejasse muito sua presença, pois seria a bênção, não apenas o seu filho, mas dela também que de certo já

ISBN 978-65-87128-14-6

havia sido expulsa de casa anteriormente por ingressar em um casamento não desejado.

A atitude de Zedmundo Constantino Constante soa como uma atitude de autoproteção e medo. Há muito da relação Psicanalítica e a Teoria Literária, uma vez que a personagem almejava o sempre, único e sincero amor da sua esposa não permitindo a divisão da sua atenção com mais ninguém – Dona Amadalena que, na verdade, fora sua mãe também, uma vez que este foi largado cedo nas ruas daquela comunidade.

No primeiro aniversário do neto, todos comemoravam, mas nada acontecia de diferente vindo de Zedmundo Constantino Constante que continuava ignorando o neto e sua condição de avô. Dona Amadalena chega a colocar o seu casamento em questão para que ele mudasse sua atitude, mas ele prefere sair de casa, sem dizer para onde irá, causando preocupação nos demais membros da família. Isto porque, seu o genro morre na capital, a sua filha Glória ficara louca e a atitude imediata é a de levar o neto para ser criado pelos avós maternos, no caso Zedmundo Constantino Constante e Dona Amadalena

Talvez estivesse fingindo, "o homem era mais falso que um teto" Couto (2007). De fato, ele voltara depois de perceber que o neto não lhe tonaria o posto dentro de casa e que a Dona Amadalena cuidaria dos dois da mesma maneira, obviamente de formas diferentes, mas substancialmente para ambos.

A última e mais longa narrativa é o conto de Marcelo Ferroni, "O repovoamento", cujos personagens constituem um cenário doméstico e o

ISBN 978-65-87128-14-6

narrador conta passo a passo as estórias da sua infância familiar, o respeito pelo avô e as grandes lições educativas que recebeu dele, enquanto referencial masculino no texto, uma vez que afirma: "do meu pai tenho duas fotos" Ferroni (2004). Mas não fala do pai com algum tipo de rancor ou mágoa.

O texto é narrado na primeira pessoa, portanto, autodiegético. O cenário desta narrativa é a cidade de São Paulo, mas precisamente a região de Vergueiro.

O que chamou atenção foi o carinho recíproco entre o narrador e o avô Geraldo. Suas expressões estão, todas, no sentido de apresentar um sujeito vigilante e atento aos acontecimentos dentro daquele lar e o bem-estar das demais personagem durante todo a trama do texto.

Entretanto, sua filha Laura, sonha com um amor verdadeiro e tem seus sentimentos sempre feridos, inicialmente pelo Nênio e depois pelo doutor Trajano de Moura. Do primeiro, as lembranças do narrador eram das lendas, mitos e estórias contadas por ele. O segundo, nunca soubera quem é.

Doutor Trajano de Moura mexia com as coisas ocultas e do além e nessa estória levou todas as economias da família, inclusive o suado dinheiro que o avô Geraldo havia guardando durante anos de trabalho.

No entanto, Laura mentia dizendo não usar aquele dinheiro. Sua atenção estava voltada totalmente a um ideal de príncipe encantado que nunca chegou. Poderia afirmar que este enredo nos remota as vidas da maioria das pessoas que delegam a

ISBN 978-65-87128-14-6

seus parceiros sua felicidade e não são capazes de acreditar que podem ser felizes de outras forma. Daí a grande inquietação: haveria de fato alguém a quem podemos apostar toda nossa vida em suas mãos? Precisaríamos de algum tipo de companheiro apenas para dizer que não estamos sós? A quem cabe a busca pela felicidade? Fica a reflexão caro leitor, cara leitora.

Na sequência dos acontecimentos, seu Geraldo resolve ir ao banco e descobre que sua filha gastara tudo que pouparam nos últimos anos, mas ele não chega a brigar ou questionar o feito. O neto percebe a expressão triste nos olhos do avô, mas ele finge está tudo bem e tenta remediar as situações que já não eram boas, pois a Laura havia sido acidentada e estava hospitalizada, nisto, surge à tia Marisa para cuidar do seu filho e do avô.

As três narrativas são criadas a partir de um discurso pseudo-temporal. Ou seja, as personagens idosas já aparecem naquele estado físico e não há resgate das suas memórias infanto-juvenis e/ou adultas.

Os processos são anacrônicos, conforme a categorização de tempo do Genette (1969) e frequentemente as cenas e os discursos se repetem em especial no conto "O repovoamento", de Ferroni (2004).

Concernente aos espaços onde ocorrem as ações são distintos e variados, isto porque os personagens se deslocam com muita facilidade. Todavia, há pontos bem demarcados neste sentido.

No conto "*O jacaré velho*" a mobilidade da personagem "*Velho Bingui*" restringe-se a sua moradia e a visitação as outras casas que ficam a poucos metros

ISBN 978-65-87128-14-6

entre si e "*... não conhecia a cidade, nunca havia saído da aldeia desde que nascera...*" (NGUNZA, 2007, p. 191).

Em "O fio das missangas", o personagem "Zedmundo Costantino Constante", se "...recusou ir ao hospital ver a criança" Couto (2007, p. 15). O cenário continuará sendo sua casa, embora este saia por alguns dias, visto o ingresso do neto neste cenário, mas o conto não descreve os outros lugares por onde andou.

O conto de Ferroni (2004), "*O repovoamento*" é parecido com o texto de Zgunza (2007), o "*avô Geraldo*", embora trabalhe fora de casa para ajudar nas economias e sustento do lar, seus espaços não se apresentam apenas sua casa e seus espaços interiores, como sala, quanto, cozinha, mas nada que os tire dali, inclusive, mesmo os espaços ditos pela personagem Laura. Estes não os são descritos o no interior do conto.

Poderíamos, portanto afirmar que, ambos os contos possuem um espaço social crítico e reflexivo, carecendo de diálogos e entendimentos constantes. Os conflitos constantes e os conceitos apresentados pelas personagens dão conta desses espaços.

A representação da pessoa idosa como uma base referencial no texto de Ngunza (2007) refletem a cultura tribal de uma comunidade primitiva e conservadora, tanto que as ritualidades, as festividades e as celebrações são enfatizadas como práticas daquele grupo social, isto constatável com a sua morte, a qual foi motivo de comoção por todos da tribo.

ISBN 978-65-87128-14-6

Nos textos de Couto (2007) e Ferroni (2004) os idosos não chegam a falecer, mas carregam traços fortes de experiências de vidas não muito bem sucedidas. Certamente, o espaço psicológico é o forte dessas obras. No primeiro, o personagem "Zedmundo Costantino Constante", tem uma carência afetiva muito grande capaz de não conseguir dividir isto com seu neto recém-nascido. Isto só irá acontecer quando sai e retorna para o lar, consciente das suas fraquezas. No segundo, "Vovô Geraldo" perde sua esposa e passa a cuidar da sua única filha e o neto. Situações psicológicas difíceis de lidar com tanta naturalidade, mas real em nossa contemporaneidade.

Inúmeros são os casos das mães solteiras ou não que lançam aos cuidados dos avós a educação de seus filhos. Não poderíamos afirmar qual o modelo mais adequado de avô entre os contos, também não sabemos quais procedimentos utilizar, considerando que falamos de processos culturais e educacionais diferentes. Suas dores e alegrias são particulares e a coletividade se envolve a cada nova ritualidade.

Há, inclusive, uma expressão no conto de Couto (2007) que deixa clara a falta de interesse de "Zedmundo Costantino Constante", em ser avô.

> (...)
> - Não quero cá disso. Eu não sou avô, eu sou eu, Zedmundo Constante".
> Agora, ele queria gozar o merecido direito: ser velho. A gente morre ainda com tanta vida!

ISBN 978-65-87128-14-6

> - Você não entende, mulher, mas os netos foram inventados para, mais uma vez, nos roubarem a regalia de sermos nós.
> E ainda mais explicou: primeiro, não fomos nós porque éramos filhos. Depois adiamos o ser porque fomos pais. Agora, querem-nos substituir pelo sermos avós." (Couto, 2007, p. 17)
> (...)

Esta é uma condição social necessária para alguns e outros não, nosso livre arbítrio nos garante tal escolha, logo, é direito de todos e cada um fazer suas escolhas, de modo consciente e responsável.

Não basta apenas gerar filhos, mas garantir sua condição social e humana. Quantas atrocidades temos vivenciados nos últimos anos? Quantas cenas de maus-tratos aos idosos? Inúmeros.

É preciso uma análise mais detalhadas sobre esta questão, afinal, os dados estatísticos estão a nos mostrar os conflitos vivenciados nas diversas esferas da nossa sociedade.

Considerações Finais

Tudo na vida do ser vivo é fase. Há tempo para tudo nesta vida. Todos nascem, crescem e morrem está é a máxima da vida. Porém falta muito para que nossos idosos, no caso do Brasil, venham a ser respeitados

ISBN 978-65-87128-14-6

como tal. Afinal, são este que guardam ou levam consigo suas memórias, nossas histórias de vida e, se aproveitássemos mais sua estada conosco, conhecer o passado e sermos mais conscientes do que o futuro nos reserva, isto porque o presente é real e sem história nada somos.

A partir desta reflexão é possível pensar, inclusive, que deveríamos construir campanhas que resgatem hábitos vividos em momentos nem tão distante da nossa história, como o dispor lugares para nossos idosos, pedir a benção aos nossos pais, avós, tios e todos que nos inspiram respeito por serem mais velhos e experientes. Não seriamos subservientes e nem é esta a intenção, mas amadurecidos, uma vez que vemos em nossa sociedade pais roubarem a infância de seus filhos em favor da adulta, seguindo estereótipos sem nenhuma indagação sobre os motivos que os levam a ser desta maneira.

É certo que tudo parece meio melancólico, mas é preciso acreditar numa Literatura que promova a reflexão e que transformam utopias em realidades.

Referências:

AFOLABI, Niyi. **Uma Gaiola de Ouro: A Problemática da Regeneração na Literatura Africana de Língua Portuguesa**. África. Revista do Centro de Estudos Africanos. Universidade de São Paulo, São Paulo, No. 20-21: 27-41, 1997.

BRASIL, Assis. **A nova literatura**. – Rio de Janeiro: Ed. Americana; Brasília: INL, 1973.

ISBN 978-65-87128-14-6

CAJAIBA, Claudio. **Teoria da recepção: a encenação dos dramas de língua alemã na Bahia**. – São Paulo: Perspectiva; Salvador: PPGA/UFBA, 2013.

COUTO, Mia. **O odiado avô**. In: O fio das missangas. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 15 – 19.

FERRONI, Marcelo. **O repovoamento**. In: Dia dos mortos. – São Paulo: Globo, 2004, p. 73 – 88.

FLORY, Suely Fadul Villibor. **Estudos da recepção: leitura e releitura**. – São Paulo: Arte & Ciência, 2012.

_____. **Narrativas ficcionais: da literatura às mídias audiovisuais**. – São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. In: Figura III. Paris: Seuil, 1969.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Os contrapontos da literatura: arte, ciência e filosofia**. – Petrópolis, 1984.

NGUNZA, Rosário. **O jacaré velho**. In.: Cadernos Negros, volume 30: contos afro-brasileiros. Orgs.: Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. – São Paulo: Quilombhoje, 2007, p. 191 – 193.

WILLEMART, Phillipe. **Psicanálise e teoria literária: o tempo lógico e as rodas da escritura e da leitura**. – São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Fapesp; Brasília: Capes, 2014.

ISBN 978-65-87128-14-6

Capítulo 5

O SERTÃO-CERRADO E AS NUANCES POÉTICAS, DE ROMULO NÉTTO E ISAAC RAMOS

Simoni Rodrigues dos Santos [17]

Introdução:

Os poemas analisados fazem parte dos livros: *Transitoriedades*, *Palavra* (2010), do autor Romulo Carvalho Nétto e *Teias e Teares*, de Isaac Newton Almeida Ramos (2014), publicados pela editora Carlini & Caniato Editorial.

Romulo Nétto, jornalista e escritor, tem mais de 20 obras publicadas entre romances, contos e poesias, vindo de Paracatu, encontrou em Cuiabá um berço para sua criação literária. Conterrâneo de Afonso Arinos de Melo Franco e leitor ávido de Guimarães Rosa, construiu suas narrativas, valendo-se do instinto de sobrevivência no sertão (Santos *et al*, 2020). E, por meio de sua poética, conclama a existência do efêmero e esquecido pela causticidade do sertão, que transpassa a existência do lugar físico, mas que alcança a percepção do sertão humano.

O segundo autor desta análise é o poeta Isaac Newton de Almeida Ramos, natural de Tabatinga no

[17] Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto-sensu* (PPGEL - UNEMAT), Campus de Tangará da Serra - MT.

ISBN 978-65-87128-14-6

Amazonas. É Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Professor da UNEMAT PPGEL. Poeta e crítico. Atua nos seguintes temas: poema visual, intensivismo, concretismo, poesia experimental, poema processo, Wlademir Dias-Pino, Silva Freire e Manoel de Barros e D. Pedro Casaldáliga. Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil) Amazonas e da ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan Amazônicos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT) e coordenador do Projeto de Pesquisa: Signos e significados na poética engajada de D. Pedro Casaldáliga. (FAPEMAT).

Para que pudéssemos adentrar as veredas da poesia nettiana, bem como reconhecer as nuances poética de Ramos, foi preciso reconhecer esse processo comparatista como um ato político e social, portanto, passamos a entremear essas vozes poéticas sobre a perspectiva de Benjamin Abdala Júnior (2007) e Tânia Carvalhal Franco (2006).

Desse modo, perfizemos as análises objetivando que a "matéria social" presente nos poemas seja percebida de forma a situá-la em um determinado "lugar", sem no entanto, prender-se a ele, isso de fato é perceptível pela intensidade dos trânsitos dos poetas. Do mesmo modo, atentemo-nos para que a "matéria social" presente nos poemas, não sufocasse a matéria do "imaginário desfrutado na poesia", apresentadas em ambas as literaturas.

As obras analisadas são de autores contemporâneos, um mineiro que tem como temática

ISBN 978-65-87128-14-6

o sertão-humano e um amazonense que traz a metáfora do olhar travestida no corpo-poema.

A poética nettiana e issacana fazem parte do sistema literário (Candido, 2000) mato-grossense. No entanto, ainda não pertencem ao cânone, pois os primeiros trabalhos que se dedicam à crítica sobre suas obras, foram publicadas recentemente. O primeiro estudo crítico da poética de Romulo Nétto foi produzido por Santos (2020). Segundo o autor, Isaac Ramos, há alguns textos críticos sobre sua poética, bem como um TCC desenvolvido por Henry Aragão no ano de 2021. A escassez de estudos críticos e uma fortuna crítica desses dois autores, justifica a importância do presente estudo e reconhecimento dessas obras por parte das academias, da crítica e dos leitores. A partir desta proximidade e divulgação, consequentemente, possibilitará o fortalecimento desses autores junto ao cânone literário, que existe dentro do estado de Mato Grosso e, de uma forma geral, sua expansão como literatura brasileira.

A PALAVRA EM TRÂNSITO: O EFÊMERO NA POESIA NETTIANO

O poema de Romulo Nétto, de número "23", apresenta-nos uma estrofe com 17 versos, classificados como irregulares, por conter mais de 10 versos. A ênfase do poema é centrada nas coisas simples, minúsculas e passageiras, essa disposição estilística em contextualizar o efêmero é uma característica marcante em suas obras literárias. O valor dado a coisas simples

ISBN 978-65-87128-14-6

elevam a artesania do verbo com o qual são tecidos um sertão que se entrecruza com a grandeza hiperbólica da poesia. Traz à tona a eloquência dos versos que, de forma paradoxal, revelam a miudeza e a grandeza das margens.

23.
As coisas minúsculas parecem
despossuídas de significados
Não se agregam valores a elas
ninguém deposita no banco
um bilhão de células
cinco milhões de espinhos de rosas
duzentas e cinquenta mil olhares
dois milhões de bocejos
Nenhuma loja de departamentos
aceita como entrada
vinte sorrisos de felicidade
nunca paguei minhas prestações
com asas de borboletas
ou canto de uirapuru engarrafado
As coisas minúsculas perderam
de há muito seu significado

Fragmento do poema: "Entre tuiuiús, sarãs e lavadeiras" do livro *Transitoriedades, Palavra* (Nétto, 2010, p.35).

O poema em prosa, apresenta-nos um eu lírico que conclama o que não é visto ou valorado pelos olhos apressados e gananciosos da natureza humana.

ISBN 978-65-87128-14-6

Cada verso semanticamente representa um ir e vir, que reconhece a importância das coisas simples "minúsculas" como as palavras que, costumeiramente, o poeta usufrui para transpor o verbo, o verso e o invisível. O avesso do verso "despossuído de significado" que mesmo em abundância são sufocadas, marginalizadas e esquecidas.

> Poeta dos deserdados, Nétto trazia a técnica da narrativa jornalística, a visão aguçada do homem crítico e, ao mesmo tempo, sustentava a pureza dos caboclos do sertão, dos pescadores das barrancas do São Francisco, dos lavradores que depositam não apenas semente na terra, mas esperança e fé da colheita em fartura [...] (FRANCO, 2016, p. 1).

A hipérbole presente nos versos: "um bilhão de células / cinco milhões de espinhos de rosas / duzentas e cinquenta mil olhares/ dois milhões de bocejos" (Nétto, 2010, p. 35), mensuram a grandiosidade das coisas efêmeras, as células que produzem vidas que carregam nas veias-rio o sangue e a seiva, que produzem a vida no ventre ou em Marte. Os espinhos que protegem a flor do inimigo são arrancados para que as flores, sem vida, enfeitem a mesa, os olhos e depois perdem o viço, as pétalas e, por fim, são esquecidas. Nos bocejos de exaustão de um

ISBN 978-65-87128-14-6

trabalhador que fez hora extra, de um estudante que não entendeu a língua estrangeira da exorbitante Língua Portuguesa. Nos olhares vazios que vagam nas lembranças de um abraços, que se entrecruzam em êxtase, ou mesmo, aqueles que não se veem na correria do dia-dia.

A poesia nettiana fala do sertão, aquele "lugar" movediço sem fronteiras que emana o desconhecido e provoca o leitor, que a todo momento é convidado a perceber a terceira margem do rio de Rosa. Aquela em que se encontram as coisas que são necessárias e vitais, mas que são esquecidas e sufocadas pela ganância do homem.

Os versos são desprendidos, despossuído de pontuação e, os únicos momentos, em que as letras maiúscula aparecem são no primeiro e penúltimo verso em "As coisas" e no nono verso através da palavra "Nenhuma", o que reforça a ideia de que as coisa pequenas, miúdas perderam o seu valor, no entanto são necessárias. Podemos reconhecer isso nos versos: "Nenhuma loja de departamentos / aceita como entrada / vinte sorrisos de felicidade / nunca paguei minhas prestações / com asas de borboletas / ou canto de uirapuru engarrafado/ As coisas minúsculas perderam / de há muito seu significado" (Nétto, 2010, p. 35). Essa busca de quanto vale um "sorriso de felicidade", revela-nos as coisas simples, minúsculas que passam despercebidas pela frenética necessidade humana "do sempre mais".

ISBN 978-65-87128-14-6

AS MARGENS DO POEMA E A EPIFANIA DO VERBO, NA POESIA DE ISAAC RAMOS

O poema de Ramos apresenta-nos de forma metafórica, o exercício do poeta. O poema intitulado "Nuances", presente no livro *Teias e Teares* (2014) é composto por quatro estrofes, a primeiro com oito versos, compondo um oitava, a segunda com sete versos em que temos uma sétima e, respectivamente, nas terceira e quarta estrofe temos seis versos em cada estrofe denominadas como sextilha. Em cada estrofe o eu lírico se deleita em apresentar como a poesia retoma a valoração nas coisas minúsculas, corriqueiras e tão conclamadas na poesia de Nétto.

NUANCES

Tuas nuances fizeram-me observar
Contornos sintáticos
Que me viraram pelo avesso
E fizeram-me perceber
Que tuas cores têm sabor de arco-íris
Enquanto isso
Minha meninice
Briga por um colo...

Ser poeta...
É saber servir orelhas
É servir de orelhas para as páginas
É saber navegar sem rumo

ISBN 978-65-87128-14-6

É usar um prumo para se perder em palavras
É conhecer os deslimites do orgasmo de um orvalho
É saber entender as dores da criação.

Não se entrega um poeta pelo seu juízo
Pois ele tem demência de metáforas
Não se julga um Poeta pelas despalavras
Julga-se pelas nuances raras
E raros são os poetas que se despem
E se despirem é com palavras...

Nuances, orelhas e palavras!...
O poeta gosta de sentir o regalo
Das páginas brancas
Sendo preenchidas pelo alucinante ritmo
Do verso indissoluto.
Livro de poema Teias e Teares
(Ramos, 2014, p. 41)

Fragmento do livro *Teias e Teares*
(Ramos, 2014, p. 41)

Em cada verso são tecidos as camadas/estratos que, de forma metafórica, revelam as nuances de um

ISBN 978-65-87128-14-6

"corpo-poema", isto pode ser percebido no seguinte verso: "Tuas nuances fizeram-me observar / Contornos sintáticos" (Ramos, 2014, p. 41). O ato de observar as nuances, que revela o corpo e os contornos sintáticos apresenta a complexidade de emoldurar a artesania do verbo, o eu lírico, neste momento, reconhece a beleza e ambas as criações, no entanto, ao transpô-las para o papel reconhece as dores da criação. O poeta "Compondo partituras multicoloridas" reproduz "os tons, timbres e as cores da orquestração sinfônica" (Jackson, 2004, p. 28). Esses tons, cores e timbres podem ser percebidos no seguinte verso: "Que me viraram pelo avesso"(Ramos, 2014, p. 41). E, isso só passa a ser possível pela complexidade de reconhecê-los e descrevê-los.

A partir de uma teia, que tece um ir e vir desse "corpo-poema" são reconhecidos como a arte, a poesia e a literatura retoma o olhar cirúrgico, no entanto sensível, para as coisas simples, presente nos versos: "E fizeram-me perceber/ Que tuas cores têm sabor de arco-íris/ Enquanto isso/ Minha meninice/ Briga por um colo…"(Ramos, 2014, p. 41). Esse olhar de epifania para/do o mundo é entendido no momento em que o eu lírico volta para si e encontra na inocência "de brigar por um colo ou em sua meninice" (Ramos, 2014, p. 41), as coisas que são esquecidas, mas que a literatura toma posse e humaniza de, tal maneira, que conduz o leitor a reconhecer a metáfora da vida traduzida nos versos, por meio do fazer poético.

Na segunda estrofe esse fazer poético é evidenciado, por meio do verbo "ser", e aí explica-se

ISBN 978-65-87128-14-6

a epifania da criação poética. O que é reforçado pelos versos que seguem, por meio das afirmações do verbo "é" que liga o poeta à função de escuta, e nessa escuta a função de um artesão das palavras que "navega sem rumo"(Ramos, 2014, p. 41), mas que usa a palavra como prumo. Assim, poeta e palavra são consumidos. Ser e poesia são diluídos nesse processo e tudo que transcende ao corpo, ou mesmo, faz parte dele são decifrados nas páginas em branco. O verbo, de forma metafórica, traz enraizados a força da palavra que explora os sentidos (Ramos, 2011).

É perceber o imperceptível, de "conhecer os deslimites do orgasmo de um orvalho" (Ramos, 2014, p.41) e reconhecer nas coisas miúdas,"as dores da criação." (Ramos, 2014, p. 41). Esse processo de tecer, compreendido por meio do título *Terias e Teares.* Pode ser entendido na quarta estrofe nos versos: "E raros são os poetas que se despem / E se despirem é com palavras." (Ramos, 2014, p. 41)

Os substantivos "nuances, orelhas, palavras", semanticamente, retoma o processo de observar, se colocar no lugar de escuta e transpor em palavras o frenético, mas ao mesmo tempo sensível gozo da criação, em que o corpo e poema são diluídos. Há aí um processo de personificação das páginas em branco que recebe o presente/regalo desse verso que se torna indissoluto no momento que são impregnados em suas margens.

ISBN 978-65-87128-14-6

Referências:

ABDALA, Abdala Jr. **Literatura, história e política:** Literaturas de língua portuguesa no século XX. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. : Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras,1996.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARVALHAL,Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4ª. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JACKSON, Kenneth David. Augusto de Campos e o trompe-L"oeil da poesia concreta. In: SUSSEKIND, Flora; GUIMARÃES, Júlio (orgs.). **Sobre Augusto de Campos.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. p.11-35.

RAMOS, Isaac Newton. **Vanguardas poéticas em permanência:** A revalidação de Wlademir Dias-Pino e Silva Freire. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, USP- Universidade de São Paulo. 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-04052012-090630/publico/2011_IssacNewtonAlmeidaRamos_VOrig.pdf. Acesso em: 03/06/2021.

ISBN 978-65-87128-14-6

SANTOS, S. R. O pacto social no romance Sertão de Sangue, de Romulo Nétto. **Ruído Manifesto**, Cuiabá, 2020. Áudio. Disponível em: manifesto.org/um-ensaio-de-simony-rodrigues-dos-santos /. Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, RODRIGUES SIMONI *ET AL.* A morte do rio na poética de Romulo Nétto. **Revista Athena**. V. 18, N. 1, 2020. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/issue/view/308. Acesso em 03 jun.2021

ISBN 978-65-87128-14-6